

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

ANNELYSE MARIA SCHNEIDER

**O PERFIL DE SANTIDADE MENDICANTE EM SÃO LUÍS
SEGUNDO AS HAGIOGRAFIAS DE SÃO DOMINGOS
E DE SÃO FRANCISCO DE ASSIS**

**CURITIBA
2012**

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES

DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

ANNELYSE MARIA SCHNEIDER

**O PERFIL DE SANTIDADE MENDICANTE EM SÃO LUÍS
SEGUNDO AS HAGIOGRAFIAS DE SÃO DOMINGOS
E DE SÃO FRANCISCO DE ASSIS**

Monografia apresentada à disciplina de Estágio Supervisionado em Pesquisa Histórica, como requisito à conclusão do Curso de Licenciatura e Bacharelado em História, Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Federal do Paraná.

Orientadora: Professora Doutora Fátima Regina Fernandes.

CURITIBA
2012

DEDICATÓRIA

*Obra dedicada a meus pais, Antonio e
Rosimery, sem os quais mais essa realização
não seria possível.*

AGRADECIMENTOS

Ao meu pai, Antonio, por ter me dado o exemplo de força e perseverança para continuar em minha caminhada rumo aos meus objetivos, não importando quais fossem as dificuldades. À minha mãe, Rosimery, pela influência e pelas broncas e conselhos, sem os quais não teria me empenhado nos trilhos do estudo. E a ambos pela vida maravilhosa que me proporcionaram e proporcionam.

À minha família pelo apoio prestado durante toda a minha jornada.

Aos meus amigos: Angelita, Rafaela, Cássia, Nikessara, Vanessa pelas conversas jogadas fora.

À Jacqueline pelo apoio, pelas conversas, pela sinceridade, pelas risadas e pelos desabafos, enfim, pela presença sempre que precisei não importando a hora.

À Érica e ao Guilherme pela amizade incondicional, pelo apoio mútuo, pelas risadas, brigas, lágrimas, desabafos, pela grande participação que tiveram, não só em minha vida acadêmica, mas por terem transformado minha vida como um todo. Sem vocês eu não teria chegado aonde cheguei.

À professora Fátima pela orientação e por não desistir, mesmo nos momentos mais incertos, bem como pela tranquilidade que me passou quando precisei.

E, finalmente, a Deus por me permitir viver com esses momentos.

*Pela beleza sensível, a alma entorpecida
eleva-se até a verdadeira beleza e, do lugar
onde jazia sepultada, ela ressuscita para o céu
ao ver luz destes esplendores.*

Inscrição portal Saint-Denis.

RESUMO

Este trabalho compreende o modelo de santidade mendicante no século XIII. Neste modelo se insere a espiritualidade gótica pela qual São Luís se faz santo seguindo o exemplo dos frades mendicantes. O santo rei apresenta uma conduta que integra moral religiosa com justiça e paz. Assim, pelo estudo dos exemplos evocados nas hagiografias de São Francisco de Assis e de São Domingos compiladas na *Legenda Áurea* de autoria do frade dominicano Jacopo de Varazze, este trabalho, tem por objetivo delimitar um perfil de santidade seguido por São Luís a fim de alcançar a tão almejada alcunha de rei santo. A delimitação espaço-temporal concerne ao reino de França durante o reinado de São Luís (1226-1270). Ao longo do trabalho percebemos o processo de canonização e a importância da hagiografia para tal fim, além de nos desvelar a importância dessa instituição de santidade pela Igreja, que aperta o cerco sobre as crenças populares, utilizando o trabalho de pregação dos mendicantes.

Palavras-chave: espiritualidade mendicante, hagiografia, santidade medieval.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	8
Capítulo I - A ESPIRITUALIDADE GÓTICA DO SÉCULO XIII.	11
1.1 – Ascensão urbana.	11
1.2 – A Arte Gótica.	13
1.3 – Teologia Gótica.	15
1.4 – Espiritualidade Mendicante.	19
1.5 – A Ordem Franciscana.	21
1.6 – A Ordem Dominicana.	25
Capítulo II - O REINADO DE SÃO LUÍS: UMA MONARQUIA SANTIFICADA.	27
2.1 – São Luís.	27
2.2 – O legado de Filipe Augusto.	29
2.3 – A Regência de Branca de Castela	31
2.4 – O Reinado de São Luís.	32
2.5 – A Devoção de Luís IX	34
2.6 – São Luís e a Cruzada.	36
2.7 – De Volta ao Reino de França.	39
2.8 – A Segunda Cruzada de São Luís.	40
2.9 – A Canonização	42
2.10 – A Religiosidade de São Luís.	43
2.11 – O Rei Santo	48
Capítulo III - PERFIL DE SANTIDADE EM SÃO FRANCISCO DE ASSIS E EM SÃO DOMINGOS	53
3.1 – Santidade	53
3.2 – A Legenda Áurea	57
3.3 – A Santidade Mendicante em São Domingos	59
3.4 – A Santidade Mendicante de São Francisco de Assis.	63
CONCLUSÃO	67
BIBLIOGRAFIA	70

INTRODUÇÃO

Contra o enriquecimento das Igrejas, no século XIII, tem-se o surgimento das ordens mendicantes que condenam o excesso de luxo das instituições eclesiásticas e pregam a vida de pobreza. Entretanto, é importante ressaltar que a conversão dos fiéis é feita, neste século XIII, por vias da argumentação. Assim, os irmãos pregadores, da ordem dominicana, segundo Georges Duby¹, seguem nos estudos da escritura, bem como fazem parte das universidades. Justificam sua sabedoria pelo embate erudito em suas pregações a fim do retrocesso herético que ameaça a soberania cristã.

Marcos Abrahão² defende que é em meio a essa intervenção eclesiástica que busca, cada vez mais, afirmar a sua supremacia sobre o temporal que nasce a ordem dos Irmãos Pregadores. Esta nova ordem se distingue das demais, segundo o autor, pela pregação e pelo estudo. Pois, é preciso formar cristãos, segundo Abrahão, pelo convencimento, daí a grande importância da palavra, baseada nos estudos das Escrituras, dada racionalmente, não mais como imperativa, denotando o tripé Fé, Inteligência e união com Deus. Assim, sua principal missão é o combate às heresias.

É no seio desta ordem que surge a obra que analisada neste trabalho, a *Legenda Áurea*. Esta é uma compilação de hagiografias feita pelo dominicano Jacopo de Varazze. Nela podemos perceber traços da espiritualidade a que se circunscreve: uma espiritualidade mendicante, notadamente as ordens franciscana e dominicana, cujos fundadores, respectivamente São Francisco de Assis e São Domingos, são os pilares da perseguição da pobreza de Cristo, característica essencial para a salvação sob o ponto de vista desses dois religiosos.

Em consonância a essa espiritualidade encontramos o reinado de Luís IX. Este nasce em 1214, é coroado aos doze anos em 1226; se faz cruzado por duas vezes, a primeira em 1248 e a segunda em 1270 que resulta em sua morte à entrada de Túnis; sua canonização é feita em 1297. São Luís congrega em sua pessoa e em seu reinado uma monarquia santificada, em que reina para obter a paz e a salvação de seus súditos.

¹ DUBY, Georges. *O Tempo das Catedrais*. A Arte e a Sociedade 980 – 1420. SARAMAGO, José (trad.). Lisboa: Editorial Estampa. 1993.

² ABRAHÃO, Marcos. *O Ratio Studiorum Dominicano (1259)*. Como a filosofia preservou a unidade no seio da ordem dos Frades Pregadores. In: http://www.encontro2010.rj.anpuh.org/resources/anais/8/1276686826_ARQUIVO_Comunicacao_ANPUH_MarcosAbrahaao.pdf

Jacques Le Goff³ ressalta que os cronistas de São Luís o descrevem de forma a enaltecer a santidade de sua pessoa, pois esses documentos eram voltados ao processo de sua canonização. Assim, tem-se a versão santa de Luís IX, mas que podemos encontrar brechas e tirar das entrelinhas um São Luís voltado ao século, principalmente com Joinville, mas que também apresenta um modelo de santo rei.

São Luís governa visando o bem comum, pois é uma amante da paz. Ama os pobres e incita a firmeza da fé e o resguardo à tentação do diabo. Apresenta um governo monárquico direto, pessoal. O santo rei gosta do contato humano, no que é comparado a Cristo em relação a seus apóstolos, além, de sua grande sensibilidade com a mentira.

É, segundo Le Goff, um amante dos sermões e tem grande simpatia pelas ordens mendicantes de onde tira sua inspiração religiosa. Utiliza-se de sua espiritualidade, de sua religiosidade concatenada a sua obsessão pela justiça para obter a paz em seus territórios. São Luís respeita a doutrina cristã e se modela a partir daquilo que acredita ser a vontade de Deus. Faz com que política e moral se coincidam em sua conduta e a cobra de seus súditos.

Assim, sua caracterização como santo recai sobre suas tribulações, que para os homens medievais, segundo Le Goff, são provações características da paixão pelos santos. O santo rei expõe seu corpo e sua vida à travessia do mar. Entrega sua vida a Deus, à busca da reconquista de Seu reino, martiriza-se em sua devoção por Cristo e entrega-se a cruzada mesmo contra os conselhos de seus conselheiros e família.

O santo rei apoia largamente a atuação das ordens mendicantes que, diferentemente dos monges, vivem entre os homens nas cidades, misturam-se ao século e são os grandes difusores das práticas religiosas: *a confissão, a crença no purgatório, a pregação*⁴.

Segundo Franco Júnior, Varazze tem intenção de mostrar a vida dos santos de forma universalizada, sob um mesmo enquadramento geográfico ainda que se percorra várias regiões e marcada por atemporalidade. Além disso, salienta a imagem tradicional de santidade, com seus poderes taumatúrgicos e seus corpos imaculados pela morte, mostrada por Varazze. O historiador atenta, também, para o fato de o santo ser visto como um interlocutor entre o fiel e o divino, sendo que ambos são passíveis de punição em ocorrência de desobediência de suas obrigações: o fiel não cumprindo com as orações e jejuns e o santo homem quando não conquistadas a saúde e salvação eterna do fiel.

Assim, a problemática do presente trabalho consiste em analisar o discurso mendicante e os exemplos que traz dentro das hagiografias de São Francisco de Assis e de São Domingos,

³ LE GOFF, Jacques. *São Luís*. Biografia. Rio de Janeiro: Record, 2002.

⁴ *Idem*. p.661.

compiladas na *Legenda Áurea*, para então estabelecer um perfil de santidade que prevalece no ambiente urbano e que serve de exemplo para a conduta de São Luís.

Sendo assim, a divisão estrutural do trabalho foi feita em três capítulos sendo que ao primeiro relegou-se o contexto em que se desenvolve a espiritualidade mendicante, contemplando a ascensão do ambiente urbano nos séculos XII a XIII, bem como o desenvolvimento da arte gótica, a qual desvela uma nova forma de espiritualidade, em que congrega a riqueza da Igreja com o ideal apostólico e de pobreza das ordens mendicantes. Ao que passo, então, a descrever sobre a participação das ordens franciscana e dominicana.

No segundo capítulo, detenho-me na descrição do reinado de São Luís. Início por sua infância, a educação dos pais e influência, não só dos pais, mas do avô também, bem como sua herança. Essas são características que darão o tom de sua forma de governo, tanto a educação estritamente religiosa da mãe, como o exemplo de governo do avô Filipe Augusto, que chega a citar nos ensinamentos a seu filho. Assim, adentro à estrutura de monarquia santificada que Jacques Le Goff explora na obra *São Luís, Biografia*⁵ e que utilizo na análise da santidade do santo rei.

O terceiro capítulo é reservado à análise da fonte e à análise do discurso hagiográfico em que me ateno aos relatos sobre São Francisco de Assis e São Domingos. Como fundadores das duas principais ordens mendicantes – respectivamente a ordem dos frades menores e a ordem dos irmãos pregadores – são eles que compõem o catolicismo apostólico na Baixa Idade Média, bem como são, juntamente com São Luís, expoentes da perseguição do exemplo da pobreza de Cristo.

⁵ *Idem.*

CAPÍTULO I.

A ESPIRITUALIDADE GÓTICA DO SÉCULO XIII.

1.1 – Ascensão urbana.

Da prosperidade da produção do campo na idade média, que se deflagra a partir do século XII, vemos a ascensão das cidades que tem em seu centro a catedral. É nesta época que os senhores decidem, segundo Georges Duby⁶, transferir suas residências e suas mercadorias para as cidades. Os clérigos medievais, segundo Jacques Le Goff⁷, viam a cidades primeiramente como feitas de homens, de cidadãos e não apenas de pedras, mas uma mescla entre cidade real e cidade sonhada.

Nos séculos XII e XIII, segundo Duby⁸, o campo se expande e se enche de homens, que produzem mais, aumentando também seu nível de vida. Tinham a condição de satisfazer suas necessidades e ainda darem liberdade ao gosto por ornamentos. Pela dissimulação, camponeses conseguiam guardar um pouco do dinheiro que ganhavam pelo aluguel de sua força de trabalho. Assim, mesmo nos campos mais afastados, segundo o autor, podiam-se encontrar produtos exóticos que eram para lá transportados, das feiras, por mercadores ambulantes. Entretanto, esse dinheiro retornava às cidades.

É das encruzilhadas das rotas comerciais que se estabeleciam, principalmente pelo movimento das cruzadas, que, afirma Duby, reis, duques, condes conseguiam o dinheiro através do desfalque das economias dos traficantes por eles protegidos. Dessa forma puderam “domesticar”⁹ os senhores feudais. Conseguiram, então, reconstruir e ornamentar Igrejas onde iam orar com monges e prelados.

É da necessidade de ostentação dos senhores feudais que, segundo Duby¹⁰, se favorece a produção de belos objetos, assim a primeira consequência da fragmentação feudal foi a disseminação dos centros de arte. Contribuíram, ainda, ao enriquecimento das cidades as feiras (em Flandres, em Saint Dennis, perto de Paris e Champagne) que, segundo o autor, eram o local de troca das mercadorias do norte e do sul.

⁶ DUBY, Georges. *O tempo das catedrais*. A arte e a sociedade 980 – 1420. SARAMAGO, José (trad.). Lisboa: Editorial Estampa. 1993. P. 99.

⁷ LE GOFF, Jacques. “Cidade” In: LE GOFF, Jacques & SCHMITT, Jean-Claude. *Dicionário Temático do Ocidente Medieval*. Vol. 1. Bauru: EDUSC, 2006. P. 219.

⁸ DUBY, Georges. *História Artística da Europa*. Lisboa: Verbo, 1998, 1º volume. pp. 70-71.

⁹ *Idem*. p. 49.

¹⁰ *Idem*.

Nas cidades a população se expandia com homens capazes de, segundo Duby, financiar encomendas artísticas. As artes não eram mais domínios dos clérigos: aventa-se uma laicização das obras de arte em que não somente os grandes senhores financiavam, mas também os subordinados que se esforçavam por imitar seus amos.

“Entre os promotores da criação artística já não se contavam só guerreiros e homens de oração. Vinham juntar-se a eles os auxiliares e os parasitas do poder, os frequentadores assíduos das casas nobres e dos estabelecimentos religiosos, os servidores de alto nível encarregados de administrar os negócios do patrão, de abastecer-lhe a casa, e que se serviam a farta do dinheiro que passava por suas mãos.”¹¹

Nesse novo contexto, as cidades passam a ocupar posição de destaque, com o fortalecimento da burguesia, o que gerou o surgimento de uma nova forma de riqueza, não mais baseada somente na posse de terras, mas, sobretudo na moeda, que passa a ocupar um lugar de grande importância, como facilitadora do comércio. Após a fragmentação feudal, segundo Duby, a fluidez monetária, bem como a consolidação das leis do direito e a difusão da escrita possibilitam a concentração de poderes. Entretanto, essa concentração não ocorre na totalidade: a Alemanha vê, segundo afirma o autor, o sonho da cristandade unida sob a égide do imperador relegada à nostalgia. Sobre essa consolidação territorial, é o reino de França que obtém maior sucesso.

O reinado de Luís IX representa um momento essencial para as cidades francesas. A urbanização era, ainda no século XIII, desenvolvida de maneira que Le Goff¹² caracteriza como mais ou menos anárquica, ainda que se perceba a evolução coordenada da economia e da vida social e política. Considera-as comunidades privilegiadas, as quais convêm dar espaço, mas subter ao controle do rei. É com o santo rei que se reconhece, ao menos teoricamente, a superioridade das leis do rei – das leis do Estado.

“De facto, depois de 1200, entre todos os Estados que a partir de então se reconstituem, um há mais vasto, mais bem estruturado que todos os outros: é o reino cujo senhor reside na cidade de Paris. Em toda a cristandade latina, nenhum monarca teve mais prestígio que são Luís, nem mais riquezas. E essas riquezas vinham até ele, por todos os canais de rendas senhoriais e obrigações vassálicas, dos campos florescentes e dos vinhedos”¹³.

É no reino de França, também, que se inicia a construção de catedrais que engendram a forma gótica. Suas construções são possíveis pelas esmolas recebidas pelas Igrejas, pois era

¹¹ *Idem.* p. 72.

¹² LE GOFF, Jacques. *São Luís*. Biografia. Rio de Janeiro: Record, 2002. P. 206.

¹³ DUBY, Georges. *O tempo das catedrais...* *Op. Cit.* p.100.

uma época em que enquanto os campos propiciavam vindouros lucros, estes eram vistos como pecado mortal, pois “*nenhum mercador pode ser agradável a Deus por que enriquece à custa de seus irmãos*”¹⁴. Assim, ao envelhecer, o homem de negócios faz grandes doações às Igrejas para que a salvação de sua alma seja garantida. Entre os doadores, os que mais contribuíam eram os reis.

1.2 – A Arte Gótica.

Num cenário de profundas transformações sociais as relações de poder também sofrem mudanças essenciais. Com o nascimento do estilo gótico, as cidades francesas, principalmente seus bispos, parecem competir, afirma Maria Cristina Gozzoli¹⁵, pela maior construção ou reconstrução de suas Igrejas no novo estilo. Pois, a nova catedral, segundo Georges Duby¹⁶, celebra a riqueza do espaço urbano, bem como, é orgulho burguês. Assim, os homens de negócios consideram o monumento como seu, portanto, o queriam esplêndido.

É na Île-de-France que nasce o estilo gótico resultado da grande mudança da mentalidade na Baixa Idade Média, transposto os temores do ano mil. É em Paris, “*primeira cidade na Europa medieval a torna-se verdadeiramente capital*”¹⁷, que culmina a arte gótica, dita, segundo Duby, arte régia. Jacques Le Goff afirma que “*os vínculos da arte gótica com as cidades afirmam-se de três pontos de vista: o das dimensões e do prestígio, o da presença da sociedade urbana e o do estilo.*”¹⁸

Assim, com o aumento demográfico, as Igrejas tiveram de aumentar a capacidade de abrigar seus fieis que, somado ao que Le Goff¹⁹ caracteriza como descomedimento de clérigos e burgueses, se fazem em sua grandiosidade e ricamente ornamentadas. Duby afirma que é na catedral que o poder régio se afirma ao se libertar da “*asfixia feudal*”²⁰. É com o abade Suger de Saint-Denis que se inaugura a arte gótica em França, quando no período de 1135 a 1144 reconstrói e ornamenta sua igreja abacial²¹.

¹⁴ *Idem.* p. 115.

¹⁵ GOZZOLI, Maria Cristina. *Como Reconhecer a Arte Gótica*. Lisboa: Edições 70, 1986. P. 03.

¹⁶ DUBY, Georges. *O Tempo das Catedrais... Op. Cit.* p. 116.

¹⁷ *Idem.* p. 100.

¹⁸ LE GOFF, Jacques. *O Apogeu da Cidade Medieval*. São Paulo: Martins Fontes, 1992. P. 211.

¹⁹ *Idem. Ibidem.*

²⁰ DUBY, Georges. *O Tempo das Catedrais... Op. Cit.* p100.

²¹ *Idem.* p. 104.

A arquitetura gótica desvela em si, segundo Maria Cristina Gozzoli²², a nova espiritualidade que segue o rígido método da escolástica²³. Através de um complexo plano arquitetural, a catedral expressa a filosofia de possibilidade de ascensão a Deus não só pela fé, mas pela razão. Tema enfatizado, segundo Gozzoli²⁴, pela verticalidade das formas que culmina no arco em formato ogival, que tende também a alto.

A autora ressalta que dentro da Igreja se tem a sensação de transcendência celeste, sendo que seus sustentáculos – arcobotantes e contrafortes – só aparecem pelo lado de fora. São os contrafortes e arcobotantes que dão a possibilidade de se subtrair as paredes interiores da Igreja, fazendo com que em seu interior, segundo Gozzoli²⁵, os fieis tivessem a sensação de um milagre. Além de se poder abrir janelas e uma série de arcadas, assim, “*perdem toda a materialidade transformando-se num como que leve diafragma de vidro multicolorido*”²⁶. Sua planta é em forma de cruz: a parte longitudinal fica, de preferência, afirma Gozzoli, no sentido Leste-Oeste de forma a edificar o altar-mor do lado em que nasce o sol. Seu interior é, ainda, dividido em 3 naveas ou, mais raramente, em 5 naveas.

As janelas concentram-se na zona alta da catedral. Abrem em lancetas, com vitrais coloridos e figurativos de cores vibrantes e intensos. Além disso, Gozzoli afirma que os vitrais mostram ao fiel, principalmente àqueles que não sabiam ler, aquilo que devem crer, pois continham cenas sacras, cenas da Bíblia. Ensinavam, assim, a doutrina cristã e a verdadeira fé. A transparência dos vitrais tem, ainda, encerrada em si uma denotação sacra, pois, “*a luz, como todos os outros dons da natureza, provinha directamente de Deus.*”²⁷.

A rosácea que se emoldura na zona superior da fachada da catedral tem dupla simbologia para o cristão medieval: alude ao sol, símbolo de Cristo, e à rosa, símbolo de Maria. Sua função também é dupla: nova fonte de luz e abranda a espessura das paredes. Além destas formas de ilustração a catedral ainda conta com as esculturas, sobre as quais, Gozzoli afirma

²² GOZZOLI, Maria Cristina. *Como Reconhecer... Op. Cit.* p. 08.

²³ “*magistério de um corpo profissional que se apoia sobre o estatuto sancionado pelo papa e que se compõem de mestres encarregados de comentar textos consagrados que têm autoridade*”. In: ALESSIO, Franco. Escolástica. In: LE GOFF, Jacques e SCHMITT, Jean-Claude. *Dicionário Temático do Ocidente Medieval*. vol. I. SP: EDUSC, 2006. Pp. 367-381.

²⁴ GOZZOLI, Maria Cristina. *Como Reconhecer... Op. Cit.* p. 09.

²⁵ *Idem.* p. 14.

²⁶ *Idem.* p. 21.

²⁷ *Idem.* p. 22.

“A religião é o principal motivo de inspiração destas imagens esculpidas, que parecem transformar a catedral num grande livro ilustrado, numa enciclopédia feita de figuras talhadas na pedra, onde se concentrou todo o saber da época”²⁸

A arquitetura gótica mantém, ainda, estreita ligação com a escultura. Gozzoli²⁹ afirma que os temas religiosos são tirados do Antigo e Novo Testamento e compreendem as figuras dos profetas, santos e seus atributos como ciclos narrativos, como por exemplo, o juízo final que é momento decisivo na vida do cristão. Temas profanos são também representados nas catedrais, tais como a figuração dos meses do ano, bem como seus ciclos agrícolas, signos do zodíaco e, até mesmo, acontecimentos históricos. Além destes, a autora ressalta o tema das artes liberais, sendo este o preferido das figurações.

“uma vara para a Gramática, uma ardósia para a Retórica, cabelos encaracolados (mas também o escorpião ou a serpente) para a Dialética, o ábaco para a Aritmética, o compasso (ou o fio de prumo) para a Geometria, uma esfera (ou um sextante) para a Astronomia, um alaúde para a Música.”³⁰

Entretanto, em consonância às transformações econômicas e sociais que ocorriam no cenário baixo medieval, a arte gótica não é relegada somente ao plano eclesiástico. Como muitos laicos possuem maior poder aquisitivo, os arquitetos do estilo gótico se veem as voltas com trabalhos fora da Igreja, podemos observar este tipo de edificação também em castelos, casas, pontes, palácios comunais, hospitais e, mesmo, militar³¹.

Além disso, Maria Cristina Gozzoli explana sobre a pintura, que também esteve presente na realidade gótica, entretanto, estava mais voltada ao profano. Os afrescos eram mais econômicos que as tapeçarias, sendo suas principais figurações histórias romanescas e cenas da vida da corte. Nas pinturas religiosas o mais importante é exprimir a atmosfera mística e divina do episódio representado. Elimina-se a realidade e se figura uma imagem idealizada, aristocrática.

1.3 – Teologia Gótica.

“Durante este período da história da Europa, que o incessante progresso da produção e todos os êxitos do negócio aceleram, acentuam-se as tensões nas almas entre a paixão das riquezas, a impaciência em apoderar-se delas, o gosto de as gozar e, por

²⁸ *Idem.* pp. 27-28.

²⁹ *Idem.* p. 28.

³⁰ *Idem. Ibidem.*

³¹ *Idem.* p. 33-36.

outro lado, uma aspiração profunda à pobreza, proposta a todo o cristão como a via mestra da sua salvação.”³²

Essa nova forma artística expressa a espiritualidade emergente no século XIII, sendo o reino de França grande difusor desta mudança. Georges Duby³³ afirma que no reinado de São Luís, grande período do desenvolvimento gótico, três grupos se defrontavam: clero, cavalaria e pobres. A cavalaria voltava-se contra o moralismo da igreja, contra tudo que impedisse a liberdade de combate e de amar. Entretanto, a evolução artística, segundo o autor³⁴, depende apenas dos progressos do pensamento religioso. Ainda assim, houve áreas em que a arte urbana apenas custosamente se deixa infligir. Lugares em que o prestígio do estilo românico ainda era profundo.

Em 1130 a Igreja das disposições régias era, na verdade, um mosteiro: Saint-Denis-en-France. É aqui, segundo Duby, que, desde Dagoberto, os monarcas franceses vêm depositar a coroa e os emblemas de seu poder e vinham receber a auriflama à partida de expedições militares. Era ao redor da “*abadia mestra*”³⁵ que se celebrava a França, que se reuniam as lendas. Assim, “*cumulado de benesses reais, o mosteiro derramava opulência*”³⁶.

No século XII a riqueza dessa abadia aumentava sem cessar com o desenvolvimento da agricultura e do comércio. A arte régia tem nela, afirma Duby, sua origem. É através dos planos de seu abade, Suger, que se inicia a arte urbana, o Gótico.

Em decorrência da amizade de infância com o rei, Suger ascende ao ponto mais alto da autoridade política. Monge beneditino sabia melhor que ninguém os valores simbólicos de sua abadia. Sua concepção monástica não perpassa pela pobreza, nem pela recusa absoluta do mundo. Assim como pensava Hugo de Cluny, acreditava que a abadia

“devia fazer irradiar os esplendores para a maior glória de Deus. ‘Que cada um siga a sua própria opinião, por mim declaro ter-me parecido sobretudo justo que tudo o que há de mais precioso devesse servir antes de mais à celebração da Santa Eucaristia. (...) nós afirmamos também que devemos servir pelos ornamentos exteriores dos vasos sagrados, com toda a pureza interior, com toda a nobreza exterior dos vasos’. Preocupado com essa nobreza exterior, Suger consagrou as riquezas do seu mosteiro à composição duma moldura esplêndida para o desenrolar das liturgias.”³⁷

³² DUBY, Georges. *O Tempo das Catedrais... Op. Cit.* p. 102.

³³ *Idem.* p. 101.

³⁴ *Idem.* pp. 101-102.

³⁵ *Idem.* p. 103.

³⁶ *Idem. Ibidem.*

³⁷ *Idem.* p.104.

Contra os defensores da pobreza total, Suger, segundo Duby, reconstrói sua abadia entre 1135 e 1144 com grande riqueza de ornamentação, que se dirigia à glória divina, de S. Dinis e dos reis de França. Deixa claro em dois tratados, *Da sua administração* e *Da consagração*, que essa reconstrução foi pensada para que seu mosteiro, por ser real, fosse maior que os outros. Suger concebe a obra como construção teológica baseado nos escritos do patrono de sua abadia, S. Dinis, “conforme se acreditava, Dinis, o Areopagita”³⁸. É na *Theologia Mystica* que se fundamentam o pensamento e a arte de Suger.

No cerne da obra está a ideia de que Deus é Luz³⁹: desta luz participa cada criatura que a recebe e transmite de acordo com sua capacidade, segundo uma escala hierárquica imposta por Deus. Assim, a ascensão a Deus se dá pela subida progressiva do ato da criação, de degrau em degrau. O regresso a Ele se dá pelo reflexo das coisas visíveis. E cada criatura O desvenda a sua medida.

“Laço de amor, irriga o mundo inteiro, estabelece-o na ordem e na coesão e, porque todo o objecto reflecte mais ou menos a luz, esta irradiação, por uma cadeia contínua de reflexos, suscita desde a profundidade da sombra um movimento de reflexão, para o foco de seu irradiação.”⁴⁰

No cume da obra de Dinis o Areopagita, afirma Duby, está a unidade universal. Assim, a igreja de Suger deve resplandecer luz sem obstáculos. Essa reflexão foi conquistada através da substituição das paredes por colunas, para que “o edifício inteiro se tornasse assim símbolo da criação mística”⁴¹.

Entretando, segundo o autor, a irradiação não era tarefa apenas arquitetural, mas da ornamentação interior também. Começa-se a empreender um poder mediador às pedras preciosas. Atribuía-se, a cada uma individualmente, um poder simbólico em comunhão às virtudes cristãs. Numa perfeição radiosa e em esplendor divino, imaginavam-nas erigindo a Jerusalém terrestre em consonância à Jerusalém celeste, em cujo centro se dispõe os relicários. Assim, Suger declara:

Quando, penetrado pelo encantamento da beleza da casa de Deus, a sedução das gemas multicores me leva a reflectir, transpondo o que é material para o que é imaterial, sobre a diversidade das virtudes sagradas, então parece-me que me vejo a mim mesmo residir como em realidade em qualquer estranha região do universo, que não existe anteriormente nem no lado da terra nem na pureza do céu, e que, pela

³⁸ *Idem.* p. 105.

³⁹ *Idem. Ibidem.*

⁴⁰ *Idem. Ibidem.*

⁴¹ *Idem.* p. 107.

graça de Deus, posso ser transportado daqui para o mundo mais alto de maneira anagógica.”⁴²

Suas figurações rejeitam os monstros, o sonho e o delírio fantástico, que estão presentes nas igrejas românicas. Situa no centro das alegorias a figura do “*homem na sua verdade*”⁴³. As figurações mostradas nos pórticos trazem a imagética da encarnação, do Deus feito homem emoldurando a ideia de que “*é por Cristo que o homem penetra das luzes do santuário*”⁴⁴. Essa nova arte, é uma celebração do homem que congrega seus preciosos artefatos em honra à Eucaristia. Pretende-se, segundo Duby, encadear a imagem do Cristo encarnado ao Cristo divinizado. Têm-se, ainda, as representações de Maria nos momentos da Anunciação, da Visitação e da Natividade.

Pode-se perceber, ainda, duas linhas de teologia na construção de Suger, segundo Duby: uma glosa do século IX de Walahfried Strabon e de Santo Agostinho. Strabon se baseia na escritura e defende que o homem é composto por três princípios: o corpo, a alma, e o espírito, assim, procura nos versículos da Bíblia os sentidos literal, moral e místico.⁴⁵ No que concerne a Santo Agostinho, tem-se a ideia de que o percurso histórico é dividido em duas partes divisadas pelo nascimento de Cristo: Este realiza o Antigo Testamento ao mesmo tempo em que o abole, seus mistérios deviam ser encontrados também na realidade e não só na palavra, pois “*o Antigo Testamento não é senão o Novo coberto por véu e o Novo senão o Antigo Testamento desvendado*”⁴⁶.

Assim, percebemos com Duby que a Basílica de Saint-Denis exprime o cristianismo não só pela música e pela liturgia, torna-se teologia da onnipotência do Cristo feito homem, que mostra Jesus crucificado, bem como, os instrumentos de suplício. Instala-se, assim, numa teologia que culmina na dimensão do homem iluminado⁴⁷ que congrega os sentidos da luz, da perseguição de um Deus encarnado, da lucidez e da lógica.

⁴² *Idem.* p. 108.

⁴³ *Idem.* p. 109.

⁴⁴ *Idem.* p. 110.

⁴⁵ *Idem.* p. 111.

⁴⁶ *Idem. Ibidem.*

⁴⁷ *Idem.* p. 113.

1.4 – Espiritualidade Mendicante.

O enriquecimento das cidades trouxe uma nova forma de se ver a pobreza com uma espiritualidade, que André Vauchez⁴⁸ caracteriza como “*espiritualidade da beneficência*”. Segundo o autor, a predileção à pobreza é característica nova, pois até o século XII é vista como castigo divino e a riqueza como favor divino. Atribuía-se graças mediante doações às igrejas e distribuição de esmolas aos pobres baseadas no sentido do amor de Cristo, “*por amor daquele ‘que não teve onde repousar a cabeça’*”⁴⁹, sendo que aos pobres cabia a função de orar por seus benfeitores.

As esmolas tomavam, também, um sentido diferente: como um ato ritual e eram mais frequentes. Vauchez afirma que as igrejas alimentavam, então, as multidões de indigentes que lhes afluíam, principalmente por consequência de alguma festa ou da morte de um santo. Por sua vez reis, duques ou condes, mantinham a seu cargo certo número de pobres que os seguiam onde quer que fossem. Os atos de caridade passam a ser visto como forma de justiça em que o jejum deixa de ser visto simplesmente como penitência, mas também como caridade, pois, “*descobriu-se novamente que o alimento e os bens por cuja provação se optava só eram do agrado de Deus se fossem dados a outrem*”⁵⁰.

O autor destaca, ainda, as leprosarias como o ponto alto desse desenvolvimento da caridade. Eram instituições religiosas que congregava irmãos e irmãs, conversos leigos, doentes e alguns clérigos. Ali estavam em virtude de sua doença e pela exclusão resultante dela, outros por se ocuparem dos cuidados desses doentes. Dessa ação de benevolência cabe ressaltar o exemplo de São Francisco de Assis: “*quando eu ainda estava nos pecados, a visão dos leprosos era-me insuportável; mas o senhor conduziu-me para junto deles e cuidei-os com todo o meu coração*”⁵¹.

No que concerne aos leigos, é a penitência que proporciona, no início do século XIII, a emancipação espiritual leiga. Ainda que com alguma oposição do clero, multiplicam-se o número de laicos que se esforçam por viver uma vida cristã. Assim, em 1253, Henrique de Susa, cardeal de Óstia, define a palavra “religioso”:

“No sentido lato, designam-se como religiosos aqueles que vivem santamente e religiosamente em suas casas, não por que se submetem a uma regra precisa, mas

⁴⁸VAUCHEZ, André. *A Espiritualidade da Idade Média Ocidental*. Séc. VIII – XIII. Lisboa: Editorial Estampa, 1995. P. 127.

⁴⁹*Idem. Ibidem.*

⁵⁰*Idem.* p. 130.

⁵¹*Idem.* p. 133.

devido à sua vida mais dura e mais simples que a dos outros leigos que vivem de um modo mundano.”⁵²

Assim, conclui Vauchez que a vida religiosa “*não é um estado mas um estilo de existência*”⁵³. Essa visão incorpora um modo de pensar a religiosidade como ela foi vivida e não como foi formulada. Só assim, através da religiosidade leiga, se foi possível desenvolver o pensamento das ordens mendicantes, principalmente no que se trata da ordem franciscana. Essa ordem vivida se baseava na possibilidade de “*viver o Evangelho no meio dos homens, recusando todavia o mundo*”⁵⁴.

Sobre a oração, Vauchez⁵⁵ afirma que era pouco difundida, sendo conhecido o *Pater* e a primeira parte da *Ave Maria*, e os salmos, mesmo que sendo difundido pelos clérigos e tendo sido traduzido para a língua vulgar cedo, fica na esfera da aristocracia. Assim, a relação do homem com Deus, não sendo encontrada na oração, precisa de outra forma de mediação. Em primeiro plano, na devoção dos fiéis, encontra-se a peregrinação. Neste ínterim, de grande importância se faz a presença das relíquias, “*sinais vivos e palpáveis da presença de Deus, têm como principal função realizar milagres*”⁵⁶. Pois, são elas a grande atração dos lugares de peregrinação.

Além da peregrinação às relíquias, Vauchez destaca o papel dos milagres na crença religiosa. Eles são o meio mais importante de comunicação entre o mundo divino e o mundo terrestre, “*a ideia de que Deus continuava a revelar-se aos homens através de prodígios encontrava-se presente em todos os espíritos*”⁵⁷. Assim, os cristãos procuravam pelos milagres em toda parte, e aqueles que os realizavam eram considerados santos. Segundo o autor a igreja se rejubilava por contar com inúmeros santos, pois em uma época em que as heresias se multiplicavam, os milagres constituíam prova de que Deus estava com ela. Os milagres mais procurados eram: pacificar os espíritos, fazer caminhar os coxos, fazer cego enxergar. Sendo os males obra do Diabo, sua cura só poderia vir de Deus, assim demonstram que aqueles que servem de mediação pertencem a corte celeste.

Georges Duby⁵⁸ afirma que as ordens monásticas estavam desacreditadas por viverem na riqueza e na reclusão do século segundo uma religiosidade de “*recusa e de egoísmo satisfeito*”. Em contraposição, as novas ordens oferecem um panorama baseado no amor de

⁵² *Idem.* p.139.

⁵³ *Idem. Ibidem.*

⁵⁴ *Idem. Ibidem.*

⁵⁵ *Idem.* p. 179.

⁵⁶ *Idem.* p. 180.

⁵⁷ *Idem. Ibidem.*

⁵⁸ DUBY, Georges. *O Tempo das Catedrais... Op. Cit.* p. 139.

Cristo, em seu exemplo. Julgava-se que elas eram as únicas capazes de enfrentar com sucesso as heresias em expansão. Assim, o autor declara que contra as seitas heréticas dois seriam seus principais apóstolos: Francisco de Assis e Domingos.

Os membros das ordens mendicantes, por vezes, segundo Lester K. Little⁵⁹, provinham das camadas urbanas em ascensão, bem como eram seu principal alvo. Seu principal objetivo era o “*apostolado ativo voltado para a população urbana e laica*”⁶⁰. Essas ordens não podiam ter posses. Seus conventos eram situados nas cidades para melhor atender as necessidades do ministério.

Além dos dominicanos e franciscanos, Little cita outras ordens mendicantes, tais como: Nossa Senhora do Monte Carmel, ou carmelitas, os eremitas de Santo Agostinho, ordem de Santa Cruz e ordem da Penitência de Jesus Cristo. O autor afirma, também, que eram tantas as ordens que em 1274 o segundo Concílio de Lyon interveio para impedir o desenvolvimento de ordens mais fracas⁶¹. Marie-Anne Polo de Beaulieu⁶² afirma que a pregação passa aos poucos a ser matéria de especialista, em decorrência das querelas entre clérigos e frades, sendo que as ordens mendicantes tiveram evolução muito rápida. Apoiadas pelo papa, Georges Duby⁶³ afirma que as ordens mendicantes assumem a cátedra de teologia nas universidades.

1.5 – A Ordem Franciscana.

Francisco de Assis (1182-1226) foi filho de um homem de negócios, nasceu em uma comuna que, segundo Georges Duby⁶⁴, se alegava cátara. Durante sua juventude leva uma vida mundana: compunha canções de amor e se vê as voltas em aventuras cavaleirescas. Converte-se, já adulto, não ao catarismo, mas ao culto de Cristo, nos primeiros anos do século XIII. Despoja-se de seus adornos e dinheiro. Passou, então, a ser “*jogral de Deus*”⁶⁵. Leva, a partir de então, uma vida guiada pela pobreza de Cristo. Prega a penitência, bem como a beleza do mundo.

⁵⁹LITTLE, Lester K. Monges e Religiosos. In: LE GOFF, Jacques e SCHMITT, Jean-Claude. *Dicionário Temático do Ocidente Medieval*. vol. II. São Paulo: EDUSC, 2006. Pp. 225-241.

⁶⁰ *Idem*. p.237.

⁶¹ *Idem*. *Ibidem*.

⁶²BEAULIEU, Marie-Anne Polo de. Pregação. In: LE GOFF, Jacques e SCHMITT, Jean-Claude. *Dicionário Temático do Ocidente Medieval*. vol. II. São Paulo: EDUSC, 2006. Pp. 367-377.

⁶³ DUBY, Georges. *O Tempo das Catedrais... Op. Cit.* p. 145.

⁶⁴ *Idem*. p.142.

⁶⁵ *Idem*. *Ibidem*.

André Vauchez afirma que ele congrega em si a síntese entre os movimentos, muitas vezes contraditórios, da espiritualidade medieval. Venerava Cristo em seu despojamento e, principalmente, por seu sofrimento na cruz. Seu desejo de viver na pobreza e simplicidade total, não o impedia de respeitar a Igreja, pois seu olhar benevolente com que via o homem e o universo não permitia com que se deixasse influenciar pelo dualismo herético. Além dessas características, Vauchez destaca, também, “*o objetivo apostólico e a experiência ascética, o evangelismo integral e o espírito de obediência*”⁶⁶. Duby ressalta que, ao exemplo de Cristo, lança seus seguidores nos caminhos do mundo “*vestidos com um saco e de mãos vazias*”⁶⁷. Seu maior objetivo é viver entre os pobres, trabalhar em prol deles, e não recebendo por isso, faz-se necessário que pedissem seu pão.

Em 1209, segundo Georges Duby⁶⁸, o papa Inocêncio III autoriza a pregação dos frades menores, pois tinha interesses em ver as ordens mendicantes a seu serviço no combate às heresias. Tinham o ideal, segundo Vauchez⁶⁹, de uma vida pobre e errante, baseado no exemplo de Cristo e seus apóstolos. Recusam não apenas, os bens pessoais, mas os comunitários também resultando disso a alcunha de “menores”. O autor afirma, ainda, que Francisco rompe profundamente com a ligação entre religioso e condição senhorial, pois os monges de seu tempo são, ainda, grandes proprietários. O texto de 1221, que contém as normas da regra, segundo Vauchez⁷⁰, dita a expropriação total, tendo em vista que a propriedade não permite a partilha, bem como expõe o homem à tentação da avareza e da violência. Desprezavam, mais particularmente, o dinheiro, visto por eles como a raiz de toda a discórdia e ódio. Confiavam à Providência a procedência de seu alimento fazendo trabalhos manuais, sendo que a mendicidade, no início da ordem, era apenas complementar.

São Francisco queria que, em sua regra, todos os seus participantes tivessem os mesmos direitos e mesmos deveres. Vauchez afirma que a fraternidade congrega a convivência de clérigos e leigos e que entre eles a única diferença permitida consistia em que os clérigos podiam ler e cantar o ofício em latim, enquanto os leigos tinham de se contentar em o recitar do *Pater* e a *Ave Maria*. O pobre de Assis não é contra a cultura, segundo Vauchez, desde que ela não culmine na avareza daqueles irmãos que se sentem atraídos por ela, pelo saber, que se quer superior. Assim se declara a Santo Antonio de Pádua

⁶⁶ VAUCHEZ, André. *A Espiritualidade da Idade Média Ocidental... Op.Cit.* p. 143.

⁶⁷ DUBY, Georges. *O Tempo das Catedrais... Op. Cit.* p. 142.

⁶⁸ *Idem.* p. 143.

⁶⁹ VAUCHEZ, André. *A Espiritualidade... Op.Cit.* p. 143.

⁷⁰ *Idem.* p. 144.

“Agrada-me que ensines aos irmãos a santa teologia, desde que aqueles que se entregarem a esse estudo não extingam em si o espírito de santa prece e de devoção, assim como é indicado na Regra.”⁷¹

Além disso, São Francisco quer que as relações no interior da ordem sejam de obediência consentida e de afeição mútua. Entretanto, em decorrência da rápida ascensão da ordem, foi necessária a instituição de uma hierarquia. Assim, em relação à sociedade, Vauchez⁷² assinala que São Francisco pede que seus irmãos hajam com deferente submissão e, mesmo em seu Testamento, exorta-os a não pedirem litígios ao papa e que sejam misericordiosos com o clero mesmo que este não os tivesse aceitado sendo, mesmo hostis com a ordem. Duby afirma que Francisco defende os padres, pois são eles quem tem a permissão para entregar o corpo de Cristo aos fiéis pregando a transubstanciação contra as heresias, considera-os seus mestres.

“Mesmo que eu tivesse tanta sabedoria como Salomão, se encontrasse pobres padres vivendo segundo o mundo, não pregaria nas suas paróquias contra a vontade deles. A esses mesmos padres e a todos os outros, quero respeitá-los, amá-los, honrá-los como meus mestres. E não quero dar atenção aos seus pecados, porque distingo neles o Filho de Deus, e porque são meus mestres. Eis por que assim procedo: é que neste mundo não vejo mais nada de sensível do mesmo Altíssimo Filho de Deus que o seu santíssimo corpo e o seu santíssimo sangue, que os próprios padres consagram e só eles administram aos outros. E estes santíssimos mistérios, quero eu acima de tudo honrá-los e venerá-los, e colocá-los em lugares preciosamente ornados.”⁷³

O autor ressalta que, ainda que Francisco de Assis falasse a língua do povo, seu conhecimento da Bíblia – consequência de sua conversão – permitiu que ele recorresse a textos em latim, não livre de cometer erros, e deixasse mais maleável aquilo em que a Sagrada Escritura se mostrava rígida “*transformando-a num instrumento de comunicação*”⁷⁴. Além disso, enriqueceu a língua popular ao ser levado a ela a expressão do sentimento religioso.

É em 1219 que chegam os primeiros franciscanos em Paris. Primeiramente, afirma Duby, são tomados por heréticos chegando mesmo a precisarem mostrar cartas pontifícias, mas já em 1233 estavam instalados em todas as cidades da França do Norte. O pobre de Assis não combate, segundo o autor, pelas armas, mas pela razão, por impulsos do coração e pela vida que levava. Duby assim o caracteriza:

⁷¹ *Idem.* p. 145.

⁷² *Idem.* p. 146.

⁷³ DUBY, Georges. *O Tempo das Catedrais... Op. Cit.* p. 143

⁷⁴ VAUCHEZ, André. *A Espiritualidade... Op.Cit.* p. 148.

“Melhor que qualquer outro tornava o Evangelho presente no mundo, na sua simplicidade. Este homem foi, com Cristo, o grande herói da história cristã, e pode-se dizer sem exagero que o que resta hoje de cristianismo vivo vem directamente dele.”⁷⁵

Entretanto, o autor ressalta que à Igreja lhe interessava mais a pregação por meio da lógica, para que se destruíssem os desvios naturais e se instituíssem os dogmas, do que cantar o amor de Deus e das criaturas. Assim, os clérigos optam por disciplinar e reforçar a ordem. Portanto a Igreja obriga a ordem a transformar-se numa “*milícia de padres e intelectuais*”⁷⁶. Além disso, fixam-nos em conventos.

Os sucessores de São Francisco cometem, afirma Vauchez, grande traição no que concerne ao ideal de pobreza tão marcante em Francisco de Assis. Entretanto, tanto Elias como São Boaventura se empenham em chamar a atenção da Igreja às chagas que possuía o pobre de Assis desde 1224 e que pretendiam que o considerassem “*Segundo Cristo*”⁷⁷. Visto, pela jovem sociedade urbana, como modelo de perfeição de humildade, pelo seu despojamento, por seu lirismo alegre, pelas ações caridosas e por suas efusões sentimentais. Era, ainda, afirma Duby, venerado como um santo.

Ainda assim, há que se considerar, salienta o autor, que a mensagem franciscana não deixa de influenciar o século XIII. Apresenta-se em um “*crístocentrismo radical, manifestado principalmente por uma devoção à Paixão redentora de Cristo, contemplado e venerado na sua humanidade sofredora*”⁷⁸. Esse sofrimento não é visto com enternecimento, mas como forma privilegiada de ascender por meio da contemplação da humanidade sofredora em direção à contemplação de sua divindade.

Duby⁷⁹ ressalta que em paralelo ao crescimento franciscano está a melhora da situação feminina que, ao menos nos meios aristocráticos, formavam um grupo de aspirações espirituais consideradas merecedoras da atenção dos clérigos. Vauchez⁸⁰ desvela a preocupação com a mulher no que concerne ao culto mariano encontrado nos franciscanos pela propagação do sucesso ao culto a Imaculada Conceição, bem como assinalam a eficácia, quase que absoluta, da intersecção de Maria junto a Cristo.

⁷⁵ DUBY, Georges. *O Tempo das Catedrais...* Op. Cit. p. 143.

⁷⁶ *Idem. Ibidem.*

⁷⁷ VAUCHEZ, André. *A Espiritualidade...* Op.Cit. p. p 149.

⁷⁸ *Idem.* p. 150.

⁷⁹ DUBY, Georges. *O Tempo das Catedrais...* Op. Cit. p. 142.

⁸⁰ VAUCHEZ, André. *A Espiritualidade...* Op.Cit. p. 151.

1.6 – A Ordem Dominicana.

Ao visitarem o papa Inocêncio III, o bispo de Osma e Domingos atravessam, segundo Duby⁸¹, a região onde o catarismo se encontrava triunfante e encontram os prelados cistercienses desanimados. Para os dois religiosos a causa da derrota era a imoralidade do clero e o enriquecimento do mesmo. Propunham, portanto, afirma o autor, que se despojassem das características senhoriais tais como as cavalgadas, os adornos e as insígnias do poder temporal, queriam que os homens de igreja se apresentassem com humildade. Importava, a esses religiosos, que se seguisse o exemplo do “*bom Mestre*”⁸², andar sem riquezas e sem ornamentações, imitando a vida apostólica.

Queriam combater as heresias sem armas, queriam dar o testemunho de Cristo, como Ele, completamente pobres, despojados de mulheres, de adornos, de riquezas, o que não passava despercebido por seus inimigos. Duby caracteriza a pregação de Domingos e de seus companheiros como verdadeiros embates de eloquência. Combatiam segundo uma lógica teológica.

“Domingos e seus companheiros eram clérigos e intelectuais; a heresia vencera a gente do claustro, a gente da escola entrava na liça; preparavam de antemão seus argumentos em memórias escritas; vinham combater o catarismo no terreno dogmático, demonstrar que estava errado por razões de teologia; expunham-nas na língua de *oc*, que falavam; um auditório de senhores e de burgueses designava os vencedores deste torneio”⁸³.

Domingos funda em Prouille um mosteiro de mulheres, ao qual designa a regra de Santo Agostinho, baseado na pobreza. Rivalizava, este mosteiro, segundo Duby, com os conventos cátaros, opção de ascetismo das mulheres da terra. Ao ser chamado pelo novo bispo de Toulouse, Foulque, para combater os bandos de São Simão, que devastavam a região – onde só por força e tirania o catolicismo se instalara – São Domingos conquista os espíritos corrompidos e vence a resistência do clero no concílio de Latrão. Entretanto, é-lhe proibido a inventar sua própria regra, portanto, toma para si a regra de Santo Agostinho. Mesmo assim, consegue, incorporando inovações, fundar a ordem dos Pregadores e suas constituições, que estabeleciam a pobreza de Cristo⁸⁴.

Duby relata que o dominicano nada possuía, a não ser livros, que eram usados nas pregações. Não se enraízam em posses fundiárias, mas sim na recusa à propriedade e na

⁸¹ DUBY, Georges. *O Tempo das Catedrais...* Op. Cit. p. 139.

⁸² *Idem. Ibidem.*

⁸³ *Idem.* p. 140.

⁸⁴ *Idem. Ibidem.*

mendicidade. Têm por missão espalhar a verdadeira doutrina lutando a pé contra a descrença. Essa luta era baseada no estudo em grupo. Assim, o irmão pregador vive em comunidade e não se preocupam com os ritos litúrgicos. Não se esconde na contemplação, pois o inimigo está na cidade, assim, os conventos dominicanos se instalam no ambiente urbano com o intuito de esclarecer seus moradores.

Os conventos dominicanos, afirma Duby, não é mais do que um abrigo para onde os frades voltam depois da pregação para descansar e dividir a comida. É, também e principalmente, lugar de trabalho intelectual. Cada um dos membros, como se conta na constituição, deve ter, escrito de próprio punho, uma Bíblia, o *Livro das Sentenças* de Pedro Lombardo e a *História* de Pedro, o Comedor. Entretanto, seus livros não são ornamentados, mas são verdadeiros manuais aos quais os frades podem citar, se for necessário, pois a matéria já têm no espírito. Não podem recorrer aos estudos de pagãos, excetuando-se quando o mestre da ordem assim deseje em decorrência de alguns casos. Instalam-se no centro das estruturas escolares: agregam-se aos grupos de investigação teológica e rapidamente se tornam vanguarda deles.

André Vauchez⁸⁵ afirma que, como São Francisco, São Domingos dá grande importância à palavra na transmissão e no ensino da fé cristã. Além disso, os irmãos pregadores, que em sua maioria dão sacerdotes, vão além da pregação baseada na penitência – como o faziam os irmãos menores – e abordam questões mais complexas da doutrina cristã. O autor defende ainda que a aposta na cultura se mostrou gratificante:

“Num mundo onde os saberes teórico e prático começavam a desempenhar um papel importante e onde as universidades iriam em breve constituir um terceiro poder a par do Sacerdócio e do Império, existia um espaço para uma ordem de ‘doutores’ cuja função principal seria a de ‘transmitir aos outros as coisas contempladas’”⁸⁶.

Ainda que dessem grande importância à pobreza, André Vauchez⁸⁷ afirma que os irmãos pregadores davam diferente lugar a ela que os irmãos menores: constituía uma arma contra a heresia que era necessária, mas não suficiente para que o discurso do pregador fosse aceito e compreendido pelas massas. Assim, os dominicanos são mais flexíveis que os franciscanos, pois aceitam, sem pesar, a posse de igrejas, bem como o terreno em que eram construídas. Além disso, o autor destaca que se diferenciavam dos franciscanos, também, pela prioridade dada a mendicidade, pelos irmãos pregadores, a fim de suprirem suas necessidades.

⁸⁵ VAUCHEZ, André. *A Espiritualidade... Op.Cit.* p. 152.

⁸⁶ *Idem. Ibidem.*

⁸⁷ *Idem.* p. 153.

CAPÍTULO 2
O REINADO DE SÃO LUÍS:
UMA MONARQUIA SANTIFICADA.

2.1 – São Luís.

São Luís se configura numa das mais importantes personagens do século XIII. Assim, Jacques Le Goff nos apresenta um estudo sobre este monarca na obra *São Luís, Biografia*⁸⁸. Ele divide seu estudo em três partes: na primeira ele se detém na apresentação de sua tentativa biográfica sobre o monarca; na segunda parte ele apresenta um estudo crítico sobre a documentação existente sobre o rei, bem como apresenta o debate sobre a existência de São Luís; na terceira parte ele demonstra o que faz de Luís IX um rei santo. É pelo dinamismo da obra que me deterei a seu conteúdo.

Luís nasce em 25 de Abril, muito provavelmente, do ano de 1214, em Poissy. É filho de Luís VIII e Branca de Castela e neto paterno de Filipe II Augusto, que serve de grande exemplo ao santo rei. Quando da morte de seu irmão – ou seus irmãos – mais velho em 1218, Luís IX, então com quatro anos de idade, se torna o herdeiro ao trono do reino de França. Em 1226, aos 12 anos, com a morte de seu pai, torna-se o rei Luís IX, tendo sua mãe como regente durante sua minoridade. Desde criança seus pais, principalmente sua mãe, o educam nos preceitos morais para a função real, bem como é preparado para proteger a Igreja e seguir seus conselhos, como se é feito desde os carolíngios e, também, porque no *Policraticus* do bispo inglês João de Salisbury em 1159 diz que “*um rei iletrado é apenas um asno coroadado*”⁸⁹. Ao redor do menino não há exemplo de fraqueza, ainda que seus maiores contatos sejam com a mãe Branca de Castela e com o avô Filipe Augusto, seu pai lhe dá o exemplo, mesmo que ausente. Ainda assim, é ao exemplo do avô que recorre nos *Ensinamentos a seu filho*, é com o avô que aprende o ofício de rei.

Em 1223 seu avô, Filipe Augusto, morre de impaludismo em Mante e pela primeira vez se tem, no reino de França, segundo Le Goff, um funeral ao espírito dos funerais bizantinos e ingleses: “*o corpo é exposto com as insígnias reais, as ‘regalia’*”⁹⁰. É enterrado em Saint-Denis, para onde foi transportado acompanhado de um cortejo de barões e bispos. No dia seguinte a sua morte foi mantido com o rosto descoberto. Esse ritual, afirma Le Goff,

⁸⁸ LE GOFF, Jacques. *São Luís. Biografia*. Rio de Janeiro: Record, 2002.

⁸⁹ *Idem*. p. 39.

⁹⁰ *Idem*. p. 40.

apresenta duplo significado do corpo: o corpo coletivo pelas insígnias reais e o corpo individual pelo rosto descoberto. Sobre o cortejo e os funerais, Luís IX ouve apenas os ecos das cerimônias, pois não devia assistir. Ainda assim, aprende com a cerimônia que não se enterra um rei de qualquer forma, nem de qualquer jeito. “*O rei se afirma mais rei do que nunca em sua morte*”⁹¹.

Com a morte de Filipe Augusto, sobe ao trono seu filho Luís VIII. Este reinará por apenas três anos – de 1223 a 1226. O rei parte, em 1226, numa cruzada contra o conde de Toulouse, protetor dos hereges. Depois da empreitada, resolve voltar a Paris, entretanto foi acometido por uma disenteria e teve de parar em Montpensier. Seu estado se agravou rapidamente e veio a falecer. A seu filho lega, além do trono francês, o Tesouro Real, o ouro e a prata que estavam no *Louvre*, voltado à defesa do reino; lança-se às cruzadas contra os albigenses, voltando-se, assim, a monarquia francesa ao sul; lega, também, uma tradição dinástica mais firmemente assentada na continuidade monárquica francesa.

Em seu leito de morte, além de instituir Luís como seu sucessor, pede que a sagração, do futuro rei, seja feita rapidamente. Era importante que se afirmasse a natureza real do menino para que se tornasse mais difícil sua contestação e para acalmar os ânimos quanto à insegurança de sucessão, em que o rei morre e seu sucessor não assumiu, ainda, seu lugar à cabeça do reino.

Sobre a sagração do menino rei, Le Goff declara que não há documentação contemporânea ao ritual de São Luís, as existentes são produzidas após sua consagração. Assim, não se tem certeza da ordenação litúrgica que a presidiu. As crônicas sobre o ritual passam por cima da infância do santo rei e o apresentam santificado já em sua coroação. Segundo Le Goff, os cronistas destacam três características: a rapidez com que foi feita, pois é o interregno, o momento ideal para a contestação dinástica; o fato de, contando com 12 anos, o rei não havia sido feito cavaleiro e a falta da nata da sociedade tanto leiga, como eclesiástica, ainda que Branca de Castela e os grandes que haviam assistido a agonia de Luís VIII tivessem mandado amplamente convites para a sagração em Reims. Transparece, nas crônicas, como relata Le Goff, a frialdade com que se faz a cerimônia de sua sagração, pela ausência de prelados, bem como pela volta a Paris que se dá, percebe-se pelo silêncio dos cronistas, sem o apoio das populações, nem o mínimo encorajamento, entretanto, a todo instante a mãe se faz presente. Le Goff assim descreve a personalidade de São Luís:

⁹¹ *Idem. Ibidem.*

“Luís será o digno filho de seu pai, guerreiro sem par, e de sue avô, o vencedor de Bouvines com 50 anos, digno filho de sua mãe, a Espanhola. Forte, como eles, Luís se inicia assim nos deveres de um rei que a ideologia da época começa a considerar como um duro ofício. E honrará até a morte, e na lembrança, essa mãe onipresente.”⁹²

2.2 – O legado de Filipe Augusto.

Sob o reinado de Filipe Augusto as feiras de Champagne completam suas características: “*regularidade do ciclo de seis feiras, início de sua grande função em matéria de crédito, proteção dos mercadores*”⁹³. O rei tira proveito dos mercados cobrando pelo uso de suas estradas. É também neste reinado que, segundo Le Goff, o papel intelectual assume grande importância: se Bolonha se sobrepõe na área de direito, a universidade de Paris está pronta para se tornar o centro dos estudos teológicos, o principal de toda a cristandade. Além disso, a arquitetura gótica está em plena floração. É no início do século XIII que as grandes catedrais são reconstruídas no novo estilo, tais como a fachada de Notre-Dame de Paris (1205), o portal da Virgem (1210-1220), catedral de Reims (1210-1211), entre outras.

É no reinado do avô de São Luís, também, que Paris passa a ser a principal residência do rei. “*Centro de memória e de continuidade do poder real*”⁹⁴, é em Paris que os arquivos do reino são armazenados num cômodo contíguo à capela do palácio real. Ademais, outra característica de grande destaque sob Filipe Augusto é o recorrente recurso à escrita. Hábito que, com São Luís, será dado continuidade, assegurando, assim, um equilíbrio entre os progressos da escrita e um renovado uso da palavra, certificando, portanto, a grande importância dada à palavra e ao discurso. Assim, Paris passa a ser o cerne do reino.

“Paris está no centro de um sistema de lugares simbólicos da monarquia constituído sob Filipe Augusto: Reims, onde o rei é sagrado e onde se conserva a santa âmbula, Saint-Denis, onde o rei é enterrado na basílica abacial à qual Filipe Augusto confiou as *regalia*, as insígnias do poder real, que servem à sagração de Reims; Paris onde o rei reside mais frequentemente no palácio da Cité.”⁹⁵

Quando Filipe Augusto morre, o território do reino francês está quatro vezes maior. Acrescentou ao seu domínio: o domínio dos Valois, Vermandois, Amiénois, Artois, Gien, Bas-Berry, e da terra de Auvergne. Além disso, e principalmente, tinha conquistado do rei da

⁹² *Idem.* p. 93.

⁹³ *Idem.* p. 67.

⁹⁴ *Idem.* p. 68.

⁹⁵ *Idem.* p. 69.

Inglaterra a Normandia, Maine, Touraine, Anjou e Saintonge. Esse aumento territorial lhe rendeu a alcunha de *Conquistador*.

Seu legado se configura, segundo Le Goff, em três ordens: administrativa, financeira e moral. Encaminhando-se, assim, para um Estado monárquico. Sendo a base desse centralismo monárquico a inovação administrativa. Esta se configura na criação dos bailios que tinham por função representar o rei e sua *cúria* no reino: providenciavam a aplicação das decisões do rei. Além dos Bailios, outros enviados se ocupam em manter a ordem no reino, são os “*os defensores da verdade, do direito, da paz*”⁹⁶. Estes, com São Luís, tomam uma característica mística, sendo que deviam assegurar a salvação do rei e de seus súditos.

No que concerne ao financeiro, o progresso vem, segundo o autor, do aumento do território, bem como do melhor controle sobre os recolhimentos. O que rendeu elevadas reservas de cunho monetário a São Luís. Herdando a riqueza do avô – seu pai será rei por apenas 3 anos de 1223 a 1226 – o santo rei conseguirá prestígio, bem como suas iniciativas políticas em grande parte deverá à essa riqueza financeira com que Le Goff caracteriza o reinado de São Luís⁹⁷.

No âmbito militar, Filipe Augusto não faz grandes inovações, mas consegue expandir suas tropas consideravelmente. Definiu e fez valer as obrigações militares de seus vassalos. Entretanto, se vale dos serviços de mercenários, tanto para dar curso à difusão monetária como para dar vazão ao problema dos homens excluídos do trabalho camponês que se multiplicavam. Porém, esse serviço militar pago, à medida que cresce, se torna difícil de controlar, principalmente em período fora de guerra.

No que diz respeito à moral, Filipe Augusto deixa a São Luís um legado fundado no desenvolvimento da religião real. Além disso, têm-se os processos de estatuto jurídico do reino, ainda que não se tenham leis fundamentais, e a “*auréola patriótica da vitória*”⁹⁸. No reinado de São Luís, o rei toca as escrófulas, dando-lhe mais prestígio, coisa que não ocorreu no reinado de seu avô. E, em 1202, o papa Inocêncio III declara, pelo decreto *Per venerabilem* que não há autoridade superior ao rei de França no que concerne ao temporal. Com São Luís se diz que “*o rei não tira [seu poder] de ninguém a não ser de Deus e de si próprio*”⁹⁹.

Porém, na herança de Filipe Augusto havia, também, problemas. Em 1154 Henrique Plantageneta, casa com Alienor da Aquitânia, que se separara de Luís VII, rei de França.

⁹⁶ *Idem*. p. 70.

⁹⁷ *Idem*. *Ibidem*.

⁹⁸ *Idem*. p. 71.

⁹⁹ *Idem*. *Ibidem*.

Assim, o Plantageneta, que havia se tornado rei, torna-se, por suas posses em território francês, mais poderoso que o próprio rei de França. Somando-se a isso tem a questão de Flandres, cujos interesses econômicos aproximam-na da Inglaterra. Tréguas são assinadas, mas a paz não é estabelecida e São Luís terá de lidar com os ingleses.

2.3 – A Regência de Branca de Castela

Ao morrer em 1226, Luís VIII não havia expressado, em testamento, sua vontade com relação à sucessão do trono. Assim, a sucessão do jovem Luís não parecia assegurada. Havia um risco, quanto à hereditariedade: o herdeiro era uma criança, e Luís VIII tinha um meio-irmão de 25 anos, Filipe, o Hurupel. Entretanto, em seu leito de morte, afirma Le Goff, Luís VIII faz reunir um grupo de pessoas a seu redor fazendo-os prometer a sucessão de seu filho mais velho Luís IX – ou se algo acontecesse ao menino, que o trono passasse ao imediatamente posterior a ele, Roberto. Porém, nada se é dito sobre a tutela do jovem rei.

Assim, depois dos funerais do rei, percebe-se que a guarda dos filhos e do reino, durante a minoridade do rei, é relegada a sua mãe, Branca de Castela. Esta tutela foi depositada nos arquivos reais. A legalidade do ato é, por Le Goff, caracterizada por um ato “*indubitavelmente autêntico, mas insólito*”¹⁰⁰: o arcebispo de Sens, os bispos de Chartres e de Beauvais se dirigem a destinatários que, acredita-se, fizeram parte da reunião com Luís VIII em seu leito de morte, para se fazer saber que a regência ficara a cargo da rainha viúva. Branca exerce a guarda tanto do reino, como do filho com grande ardor.

“Mas Luís VIII enterrado, ela se entregou totalmente à defesa e à afirmação do filho, o rei menino, como manutenção e como reforço da pujança da monarquia francesa. O poder que o falecido rei ou a equipe governamental lhe tinha dado para o tempo da minoridade de Luís, ela o agarrou, exerceu-o fortemente e não o largou mais.”¹⁰¹

Entretanto, havia inquietação entre os habitantes do reino em decorrência de à sua cabeça estar um menino de 12 anos. Na sociedade medieval, o rei deve relacionar a sociedade com a divindade. O rei é eleito por Deus, o ungido pelo Senhor. Deve ser o escudo dos cristãos, deve fazer a mediação entre Deus e seu povo. Assim, viam a criança como um intermediário frágil, mesmo que legitimamente rei. Na Idade Média, a infância não é vista com bons olhos, pois há, segundo Le Goff, uma crença, pautada na Bíblia de que a criança

¹⁰⁰ *Início*. P. 81.

¹⁰¹ *Idem*. p. 83.

age de maneira despropositada e, por isso, não pode reger um reino. Assim, a criança bem vista era aquela dita *criança-velha*. Alcinha que os clérigos aplicam a São Luís e esperam que sua mãe e regente continue com a boa educação.

2.4 – O Reinado de São Luís.

Não é possível assegurar o marco exato em que São Luís assume, de fato, o comando do reino de França. Parece, segundo Le Goff, que o santo rei ocupa, depois de uma minoridade prolongada, gradativamente o governo, ainda que sua mãe apareça em primeiro plano, assume os direitos e deveres do cargo que é seu por direito. Branca de Castela e seus conselheiros traçam uma hábil política que faz com que Luís apareça como soberano guerreiro, “*tornou-se um rei cavaleiro, comandante de guerra*”¹⁰². Assim, Luís IX aumentará ainda mais seus territórios chegando a alcançar o Mar Mediterrâneo, onde instala o porto real de *Aigues-Mortes*. Deste modo o santo rei será o primeiro monarca francês a partir para as cruzadas de território próprio e não mais de terras estrangeiras.

São Luís proporciona, também, em seu reinado, a proliferação do estudo. A universidade, que recebe estatutos do papado, durante o reinado de Filipe Augusto que, por sua vez, delega privilégios a ela, é comunidade de clérigos e instituição da cristandade. O avô de São Luís, ainda que atentasse para a importância de se ter uma universidade em Paris, não rege sob uma política pautada na universidade. O papel desta instituição tem sua importância elevada com São Luís. Le Goff¹⁰³ defende que a importância da universidade de Paris à dinastia capetíngia se mede pelo *translatio studii* (transferência de poder intelectual): de Atenas para Roma, e desta para Paris.

Em 1219 o papa Honório III, pela bula *Super Speculum*, interdita o ensino do direito romano na universidade de Paris. Seu objetivo, segundo Le Goff, era não fazer frente ao estudo teológico, o qual fazia de Paris a capital da Cristandade. Já a participação do rei nessa interdição tem a finalidade de impedir o ensino do direito romano quando o reino de França se quer independente das amarras imperiais. Assim, perder a universidade, seria perder um dos pontos fortes de seu prestígio, pois, “*a Itália, diz-se ainda, tem o papa, a Alemanha, o imperador, a França a universidade*”¹⁰⁴. E, em 1231, pela bula *Parens Scientiarum* Gregório IX assegurou a autonomia da universidade e seus privilégios.

¹⁰² *Idem*. p. 102.

¹⁰³ *Idem*. p. 105.

¹⁰⁴ *Idem*. *Ibidem*.

No que concerne à esfera da Cristandade, São Luís reconhece que à sua cabeça estão o imperador e o papa. Este era o mestre no âmbito espiritual e o santo rei considerava que o imperador do Sacro Império Romano Germânico fosse digno de reverência especial, entretanto, não permite que nem um, nem outro, interfiram nos assuntos temporais do reino de França. Sua atuação em relação a essas duas autoridades é a de manter a paz entre ambos. Frederico II, o imperador, e São Luís têm em comum, segundo Le Goff, uma visão da cristandade que ia do extremo oriente da Europa à Jerusalém. Entretanto, enquanto o imperador pensa pelos caminhos do herói humano, São Luís pensa pelos caminhos do herói cristão. Tratavam-se, em geral, com cordialidade em que renovavam tratados de fidelidade e de assistência que vassallos faziam a seus senhores.

Além disso, São Luís vive o processo de revitalização cidadina, em que o progresso na economia rural e social reanima o artesanato e o comércio e volta o cunho de moedas. Segundo Le Goff, a prosperidade da Europa atinge o apogeu em meados do século XIII fazendo com a fome recue, não havendo, assim, no Ocidente, fome generalizada. Entretanto, a esse respeito, Georges Duby¹⁰⁵ afirma, que ainda que fosse visto como uma época de ouro, o reinado de São Luís, não é poupado da fome, nem de epidemias. Além disso, o autor ainda declara que era grande o aumento do número de homens pobres esmagado pelos mais ricos, sendo que as últimas catedrais foram construídas mediante o empobrecimento da população. Em 1270 a população deixa de crescer em decorrência da miséria. Assim, defende Dby, se encerra, com a morte de Luís IX, o crescimento pelo qual passava a França.

O meio urbano, segundo Le Goff, traz a necessidade de novas formas culturais e de meios para conquistá-la. No século XIII os estudos vão além dos clérigos, passam também a receber alunos laicos. Formam-se, assim, corporações educacionais que assumirão a alcunha de universidades. É aqui que essas corporações criam um novo poder ao lado da realeza e do sacerdócio, trata-se do saber, do *Studium*. Essas universidades dão uma sobrevida ao latim (é a língua do estudo, é um latim escolástico), mesmo que a língua vulgar se dissemine rapidamente. É sob São Luís que os documentos do reino passam a serem feitos em francês e o próprio rei adota a língua francesa.

A arte, sempre voltada para Deus e para satisfazer os poderosos, passa, então, a levar o céu para a terra e a terra para o céu. Demonstrados nos vitrais que inundam as igrejas de luz colorida mostrando o que Le Goff caracteriza de “*belo Deus*”¹⁰⁶. O gótico traz a possibilidade

¹⁰⁵ DUBY, Georges. O século XIII. in: *A Idade Média na França (987-1460): de Hugo Capeto a Joana d'Arc*. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1992. Pp. 242-255.

¹⁰⁶ LE GOFF, Jacques. *São Luís. Op. Cit...* p. 54.

de criação daquilo que desfrutará no paraíso, deixa, portanto, de ser, a terra, o reflexo do Paraíso minado pelo pecado. Mesmo as cruzadas perdem prestígios. Nesse sentido, Le Goff afirma que quando o santo rei chama o senescal Joinville a se lançar em sua segunda cruzada, este recusa por acreditar que a defesa de seu povo não era contra os hereges, mas contra os agentes do rei de França e do rei de Navarra.

2.5 – A Devoção de Luís IX

Quando em 1229 Luís e sua mãe, Branca de Castela, ordenam a construção do mosteiro de *Royaumont*, o entregam à ordem de *Cîteaux* quem segundo Le Goff, significa para São Luís a transição para as ordens mendicantes. A construção do mosteiro é resultado da vontade, em testamento, de Luís VIII, que deixa grande soma de dinheiro para sua edificação. Determina, ainda, que fosse perto de Paris e que se configurasse num mosteiro em que a família real estivesse particularmente ligada, que, mais que outros, zelaria por ela. Le Goff assinala que essa edificação desvela, além do gosto de São Luís pelos edifícios religiosos, “*sua piedade, combinada com humildade, e seu autoritarismo em matéria de devoção*”¹⁰⁷. Para São Luís a edificação de *Royaumont* é, ainda, lugar de penitência. O santo rei se faz operário, como relata Guillaume de Saint-Pathus.

“E como os monges saíssem, segundo o costume da ordem de *Cîteaux*, depois da hora terceira, para o trabalho (*labour*) e para carregar as pedras e a argamassa para o local onde se construía o muro, o bendito rei tomava o tabuleiro e o carregava cheio de pedras e ia na frente, e um monge o carregava por trás, e assim fez o bendito rei muitas vezes nesta ocasião.”¹⁰⁸

A ligação do mosteiro à realeza, segundo Le Goff¹⁰⁹, é mostrada logo em seu nome *Royamont* (*mont royal*). Liga-se, assim, declara o autor, por uma rede de orações que, por sua vez, liga espiritualmente os monges da abadia à dinastia dos capetos, bem como o poder real, do qual Saint-Denis era o centro.

Além disso, característica de grande importância, não só em São Luís, mas na cristandade, além das edificações religiosas, é a crença nas relíquias. Nesse sentido, Le Goff menciona a perda e o reencontro do santo cravo. O pranto exagerado do rei diante da perda desvela a atração exercida sobre o povo pelas relíquias, “*um sentimento religioso bem*

¹⁰⁷ *Idem.* p. 113.

¹⁰⁸ *Idem. Ibidem.*

¹⁰⁹ *Idem.* p. 114.

*próximo da magia*¹¹⁰. Era uma crença em objetos sagrados cuja perda representaria uma preleção de ruína que atinge desde o mais simples ao mais sábio. São Luís não só participa avidamente da religiosidade como a excita em seus súditos. E desses sentimentos constrói sua política. Entretanto, aqueles que o cercam consideram o exagero do rei para com essas manifestações religiosas indignas de um rei que deveria mostra moderação e dar exemplo da razão. O rei de errado nada vê, congrega assim, as novas e tradicionais práticas religiosas para assegurar a salvação do reino. Assim, se configura num rei leigo e santo.

Outro evento citado por Le Goff que caracteriza a devoção do santo rei é a aquisição da coroa de espinhos. Em visita à França, Balduíno II, imperador de Constantinopla, recebe a notícia da intenção dos barões de vender a relíquia mais sagrada, a coroa de espinhos, em decorrência da necessidade de dinheiro. Assim, o imperador implora a São Luís e sua mãe por ajuda, para que não deixassem a relíquia cair em mão estrangeiras.

Diante da perspectiva de obtenção da coroa de espinhos, Luís e Branca de Castela não deixam de pensar nas consequências que implicaria tal aquisição. Le Goff salienta a este acontecimento que depois da *translatio imperii* e da *translatio studii*, significaria a *Translatio Sacratissimae Passionis instrumentorum* (transferência dos instrumentos da Santíssima Paixão). Assim, a França torna-se a nova Terra Santa que abriga uma relíquia real que, por sua vez, encarna a realeza sofredora e humilde de Cristo Salvador. Além dessa aquisição, São Luís adquire, em 1241, parte da Verdadeira Cruz, a santa esponja, com a qual foi servido vinagre a Cristo, e o ferro da santa lança.

Tais relíquias foram delegadas aos cuidados da capela de Saint-Nicolas. Entretanto era considerada modesta para abrigar tamanho tesouro. Assim São Luís ordena a construção de uma nova capela, a qual recebe o nome de Sainte-Chapelle. Esta foi, por vontade do rei, “*um monumental relicário*” e um “*santuário real*”¹¹¹. A sagração da nova capela se dá, na presença do rei, em 26 de abril de 1248, dois meses antes de São Luís partir para sua primeira cruzada. É considerada o ponto máximo da arquitetura das capelas-relicários de estilo gótico, mas sem inovações.

A devoção de São Luís o faz, ainda, se tornar cruzado. No dia 10 de dezembro de 1244 em Pontoise. Estando o rei em estado enfermo tão grave, nomeia, no dia 14, dois árbitros para tratar das diferenças que tem o capítulo de Notre-Dame a fim de se por em dia com Deus. Em todo reino se organizam coletas e procissões solenes, sua mãe envia as sagradas relíquias até

¹¹⁰ *Idem.* p. 116.

¹¹¹ *Idem.* p. 135.

Pontoise para que Luís as toque. Certo dia, como conta Joinville¹¹², acredita-se estar o rei morto quando, ao ouvir o debate de duas das damas que o vigiavam sobre se estaria ou não de fato defunto, consegue, o rei, falar, depois de muito tempo mudo, e pede que lhe dessem a cruz.

2.6 – São Luís e a Cruzada.

A Europa, desde o século XII, se encontrava com o entusiasmo pelas cruzadas baixo, frente às muitas derrotas. Além disso, há na Europa, no século XIII, a crença de que a conversão se faz mais interiormente, que no exterior. Le Goff afirma que o cristão convertido pode descobrir em si uma Jerusalém, o que torna a reconquista da Jerusalém terrestre desnecessária. Assim cresce a vontade de converter o infiel e não mais de expulsá-lo ou, mesmo, de matá-lo. Característica manifesta do espírito missionário também na cruzada. Le Goff salienta que os franciscanos e, mesmo, São Francisco de Assis manifestam que da Terra Santa querem a conversão dos infiéis.

No que concerne aos hereges, a cruzada também não é bem vista por eles em decorrência de a considerarem movimentos assassinos. Nem mesmo o clero da França, Espanha e Inglaterra simpatizam com a empreitada por não lhes agradar o dízimo cedido ao rei. Entretanto, a maior crítica era a de que o papado teria enfraquecido o espírito da cruzada por consequência de sua cobiça. E, mesmo Branca de Castela, a mãe do rei recebe mal o voto de cruzado do filho.

Ainda que os homens que o rodeassem tentassem fazer o rei desistir do empreendimento, ele não dá ouvidos, haja vista, acreditar estar *“levando ao extremo a fé que lhe foi inculcada, a cruzada é o coroamento do modo de agir de um príncipe cristão”*¹¹³. Além disso, São Luís acredita que é importante reconquistar a Jerusalém terrestre por se tratar dos lugares onde Jesus viveu e morreu, sendo que a cristandade não se circunscreve à Europa, como se acreditava em decorrência das mudanças econômicas, políticas e sociais, por que passa a sociedade. Assim, Le Goff alega que a cruzada faz parte, para São Luís, de um modelo de rei cristão ideal, cujo objetivo é a salvação do reino e da cristandade em que tenta congrega guerra e conversão.

¹¹² *Idem.* p. 145.

¹¹³ *Idem.* p. 148.

Além disso São Luís acredita, como salienta André Vauchez¹¹⁴, que a cruzada não é apenas um ritual, implicava, aos que faziam o voto de cruzado e para suas esposas, na adoção de uma vida ascética e piedosa que, antes do combate ao infiel pelos Lugares Santos, se traduzia em exigências no âmbito moral e religioso.

A partida de Paris, em 12 de junho 1248, representa ainda, uma reviravolta na imagem de São Luís. O rei respeita e faz respeitar a modéstia com que os cruzados deviam se vestir e permanece com essa postura durante e depois da cruzada. Segundo Le Goff, o rei passa de um governo em que se contentava em seguir as direções da Igreja, para um governo de verdadeira ordem moral.

Ao partir o rei institui sua mãe como regente do reino. A deixa com amplos poderes, ainda que definidos, além disso, ela poderia contar com conselheiros, cujas vontades não serão facilmente atendidas por Branca de Castela. O rei confia nesse desempenho do papel da mãe, que mesmo com a maioria do rei ocupa um lugar de uma espécie de associada do rei.

A temporada do monarca francês no oriente dura de maio de 1250 a abril de 1254 e é marcada por três importantes decisões que revelam novos caminhos na política mediterrânea de cruzada: a decisão de ficar na Terra Santa, de organizar de lá as defesas, passado a uma política de defesa, no lugar de ataque. É, também, durante sua estada na Terra Santa que o rei de França vê desvanecer a ilusão mongol e tenta, sem sucesso, convertê-los.

O desembarque na cidade de Damietta, em 5 de junho de 1249, representa a retomada da cidade. Entretanto, nos meses seguintes, a situação da cruzada fica mal. Primeiramente tem a experiência com as epidemias do Mediterrâneo, principalmente em sua parte oriental. Há que se considerar a superioridade do poderio militar dos muçulmanos, que consegue anular a força dos cristãos em suas máquinas de guerra, pelo fogo greguês.

Assim, em 6 de abril de 1250 o exército cruzado, em retirada, é massacrado em Fariskur. O rei que, segundo Le Goff¹¹⁵, é um grande cavaleiro, mas um medíocre estrategista, pois deixa de assegurar o domínio do Nilo, permitindo que os muçulmanos lhe cortem a rota do grande rio, é feito, juntamente com grande parte de seu exército, prisioneiro. São Luís não poderia esperar coisa pior do que ser feito prisioneiro pelos infiéis. Entretanto, o monarca francês sabe reverter a situação a seu favor.

A rainha Margarida é feita chefe do exército, que permanece nos navios. Consegue reunir o pagamento do resgate e, em 6 de maio, o rei é libertado. Durante seu cativeiro, acompanhado de seu capelão, São Luís demonstra dignidade e coragem. Primeiramente, se

¹¹⁴ VAUCHEZ, André. *A Espiritualidade...* Op. Cit. p. 158.

¹¹⁵ LE GOFF. *São Luís...* Op. Cit. p. 176.

recusa a qualquer declaração oposta a suas crenças, desafiando assim, a tortura e a morte. Além disso, fica furioso ao saber que seu exército consegue roubar parte do resgate dado aos muçulmanos, haja vista sua palavra ter de ser cumprida mesmo quando dada a infiéis. Esse fato, segundo Le Goff, quando de seu processo de canonização será considerado o mais virtuoso pelo qual demonstra sua santidade. Ademais, aprende que é possível o diálogo com o muçulmano, mesmo que odiasse sua religião. E, sobretudo, admira a biblioteca de obras religiosas do sultão, ainda que fossem obras de abominação e erro. Assim, São Luís, de volta à França, será o primeiro rei a ter para si uma biblioteca de obras cristãs que tem lugar na Sainte-Chapelle.

Em carta aos seus súditos, mandada de Acre escrita em agosto de 1250, o santo rei conta como foi sua empreitada, desde seus sucessos às suas provações e seu cativeiro. Além disso, ainda que tivesse intenção de retornar à França depois do cativeiro, anuncia sua decisão de permanecer na Terra Santa por tempo indeterminado, diante do descumprimento do tratado, por parte dos muçulmanos. Exorta, ainda, seus súditos a se juntarem a ele na Terra Santa.

“Como todos aqueles que trazem o nome de cristão devem estar plenos do zelo pela empresa que constituímos, e vós em particular, que descendeis do sangue daqueles que o Senhor escolheu como um povo privilegiado para a conquista da Terra Santa, que deveis olhar como propriedade vossa, nós vos convidamos todos a servir àquele que vos serviu na cruz, derramando seu sangue para vossa salvação; porque essa nação criminosa, além das blasfêmias que vomitava diante do povo cristão contra o Criador, açoitava a cruz, cuspiam sobre ela, e a pisoteavam por ódio da fé cristã. Coragem então, soldados de Cristo! Armai-vos e estejai prontos para vingar esse ultraje e essas afrontas.”¹¹⁶

A derrota no Egito só faz aumentar, aos olhos do santo rei, tanto militar como moral e religiosamente, a necessidade de sua presença na Terra Santa, que só terá seu fim, em 1254, depois de saber da morte de sua mãe e regente. Branca de Castela morre em 27 de novembro de 1252. Ao saber da notícia o rei fica extremamente abalado. Junta-se a isso, a preocupação sobre a direção do reino, que não tem mais sua tutora. Assim, depois de alguns dias em exageradas manifestações de dor, o rei decide voltar à França, abandonando, portanto, o sonho de reconquista da Terra Santa, que ele não verá.

¹¹⁶ *Idem.* p. 807.

2.7 – De Volta ao Reino de França.

Depois de uma viagem conturbada, o rei chega à Provença seu conselheiro o convencem à desembarcar, ainda que sua ideia fosse ir direto a *Aigues-Mortes*, que era seu território. Entretanto, Jacques Le Goff assinala que contribuiu a essa decisão a possibilidade de encontrar um famoso franciscano que morava no convento de Hyères, Hugues de Digne. Este era um frade adepto das ideias milenaristas de Gioacchino da Fiore, que são condenadas pelo papa Alexandre IV, em 1256 e Hugues de Digne escapa a qualquer condenação por que morre em 2 de fevereiro de 1257. O rei se vê encantado pelo franciscano. Le Goff salienta que o sermão do religioso teve grande influência na conduta do rei no governo e dos caminhos da redenção a que São Luís acreditava precisar e cujo pecado tinha sido assinalado pelo fracasso de sua cruzada, pelo que retrata Joinville do sermão do frade menor ao santo rei:

“Ora, que atente o rei, continuou, uma vez que vai para a França, que faça tanta justiça a seu povo que o povo assim conserve o amor de Deus, de tal maneira que Deus não lhe tire o reino da França com a vida.”¹¹⁷

Le Goff acredita, assim, que sua política passará a seguir o conselho de Hugues, o qual dizia para que se tornasse um rei escatológico, fazendo reinar sob a perspectiva do cumprimento dos últimos tempos, “*da promoção de uma cidade terrestre evangélica*”¹¹⁸. Esse conselho é consonante aos desejos mais profundos de São Luís e lhe servirá de inspiração. Pois, da simplicidade que sempre expressou, São Luís passou à austeridade. Desta fez, por sua vez, o princípio de sua política que, então, passou a ser regida por um “*programa de penitência, de purificação, de ordem moral e religiosa*”¹¹⁹, não só de si mesmo, mas em todo reino e de todos os seus súditos. Destarte, seus súditos passam a conhecer dois aspectos de sua função: o justiceiro e o que sublima todas as formas de direito e soberania, à maneira da majestade divina. Portanto, paz e a justiça são os dois ideias de Luís para alcançar a salvação eterna.

¹¹⁷ *Idem.* p. 193.

¹¹⁸ *Idem. Ibidem.*

¹¹⁹ *Idem.* p. 196.

2.8 – A Segunda Cruzada de São Luís.

Em 1267 São Luís se decide por uma nova cruzada cujo anúncio da mesma se deu em assembleia aos barões e prelados em 25 de março de 1267. A data de partida foi fixada na assembleia de 9 de fevereiro de 1268 para o mês de maio de 1270. Para explicar os motivos que levaram o monarca francês a se decidir por tal investimento, Jacques Le Goff¹²⁰ se utiliza de Jean Richard, que mostra os motivos por evolução da política do mediterrâneo oriental. Primeiramente, São Luís esperou o estabelecimento de seu irmão Carlos D’Anjou na Sicília, que seria uma base de operações mais segura que territórios sob a tutela de Frederico II. Houve, ainda, a renúncia definitiva com a aliança mongol. Além disso, há a reconquista de Constantinopla, em 1261, pelos gregos, que põe fim ao império latino do Oriente, que acaba, ainda, por tornar incertos os caminhos por terra e pela porção das costas setentrionais do Mediterrâneo oriental. E, finalmente, há que se considerar as vitórias do sultão mameluco Baibars na Palestina; a perda de uma parte do litoral da Terra Santa pelos latinos que faz com que se agravem e acelerem a ameaça muçulmana pelos lugares santos.

A campanha da cruzada, segundo Le Goff¹²¹, foi muito ativa e muito necessária, pois crescia a antipatia ao movimento das cruzadas. O próprio Joinville, sendo muito chegado ao rei, recusa a participar sob o pretexto de que se fizesse cruzado novamente, iria contra a vontade de Deus, que era a de proteger e “*salvar seu povo*” dos agentes do rei, que o empobreceram por ocasião da primeira cruzada do soberano.

Antes de partir a organização administrativa é mais bem estruturada: cria-se um sinete real, faz seu testamento no início do ano de 1270 com os legados de casas religiosas, redige seus conselhos a seu filho Filipe e para a filha Isabel. Fez, em 1269, uma viagem pelo reino pedindo o favor das preces em troca da distribuição de relíquias. A partida foi, como em 1248, com o rei indo a Saint-Denis tomar o báculo de peregrino e a auriflama. Dia 15 de março vai descalço do palácio da Cité a Notre Dame de Paris; dá adeus à rainha Margarida no castelo de Vincennes, de onde parte. Embarca, afinal, em *Aigues-Mortes*, em 1º de julho de 1270, rumo à Túnis.

Em 17 de julho o rei desembarca em Goleta, perto de Túnis. Ainda que o desembarque seja bem sucedido, a esperança de converter o emir muçulmano logo é minada, menos a São Luís que não quer perdê-la. Novamente o exército cruzado se depara com a realidade do mediterrâneo oriental: a epidemia de disenteria ou de tifo. O flagelo se abate sobre o exército

¹²⁰ *Idem.* p. 259.

¹²¹ *Idem.* p. 261.

a dizimá-lo e, dessa vez, faz cair o pilar da cristandade, São Luís morre aos 25 dias do mês de Agosto, apenas 22 dias depois da morte de seu filho João Tristão, a qual o rei demonstra enorme pesar. É a narrativa do confessor do rei, Geoffroy de Beaulieu, que Le Goff invoca e atesta a devoção desse santo rei:

“(…) Quando por sinais manifestos se aproximava do fim, o único cuidado que teve foram as coisas de Deus e a exaltação da fé cristã. (...) Ouvimo-lo repetir muitas vezes em um murmúrio o fim da prece que dizia em Saint-Denis: ‘Nós te imploramos Senhor, por teu amor, dá-nos a graça de desprezar a prosperidade terrestre e de não temer a adversidade’. Repetiu muitas vezes essas palavras. Repetiu também muitas vezes o início da prece a São Tiago apóstolo: ‘Seja, Senhor, o santificador e o guardião de teu povo’, e lembrou rapidamente a memória de outros santos. O servidor de Deus, estirado sob um leito de cinzas espalhadas em forma de cruz, entregou seu sopro bem-aventurado ao Criador; e foi na hora precisa em que o filho de Deus para a salvação do mundo expirou morrendo sobre a cruz.”¹²²

Com o rei morto em terras infieis, tem-se o problema do fim do corpo. Não se cogita a ideia de deixá-lo em terras impuras, fora da Cristandade e do reino de França. Entretanto a repatriação do corpo exige recursos para a conservação do corpo, num procedimento feito desde Carlos Magno quando o corpo do soberano não pode ser enterrado perto do lugar em que encontra sua morte. Segundo Le Goff, esse procedimento consiste em ferver “*o corpo num vinho misturado com água de tal forma que as carnes se separem dos ossos, que são a parte preciosa do corpo a conservar*”¹²³.

O irmão do santo rei, Carlos d’Anjou, chega pouco depois da morte do soberano francês e tenta se impor como comandante do exército. Entretanto, o jovem príncipe, Filipe III, afirma sua autoridade. Ainda assim, o novo rei só poderia ser sagrado em Reims, em alguns meses. Portanto, fez-se com que os barões e chefes militares, que o cercavam, prestassem, em 27 de agosto, um juramento de fidelidade. São Luís tinha deixado previsto em testamento como se deveria agir por ocasião de sua morte, assim, o problema de interregno é resolvido.

Instala-se, então, uma disputa, entre Carlos d’Anjou e Filipe III pelo destino dos restos mortais do rei. O herdeiro de Luís IX queria restituir o corpo o mais rápido possível ao reino de França, enquanto que, alegando facilidade, seu tio quer que o corpo vá para a Sicília, porém outro motivo é aventado por Le Goff¹²⁴: havia a possibilidade de que Luís se tornasse santo, assim, seus restos mortais se configurariam em valiosíssimas relíquias, que trariam grande prestígio a quem as possuísse, além das prováveis graças concedidas. Assim sendo,

¹²² *Idem.* pp. 264-265.

¹²³ *Idem.* p. 266.

¹²⁴ *Idem.* p. 267.

decidiu-se, não sem a resistência de Filipe III, que as carnes e as entranhas iriam à Sicília e a ossada para Saint-Denis. Resta dúvida quanto ao coração. Jacques Le Goff afirma que os monges de Saint-Denis acreditavam que o coração dos reis devia permanecer com as ossadas. Entretanto, no que concerne à moradia final do coração do santo rei, não se sabe qual foi a escolha. Le Goff afirma que em uma inscrição sobre o túmulo de São Luís, que data do século XVII, atesta a presença do coração naquele local – Saint-Denis. O autor faz, ainda, alusão, citando Louis Carolus-Barré, à exigência do exército de que o coração permanecesse na África, juntamente com os outros combatentes mortos e, uma outra hipótese que o autor diz ser, também, muito contestável é a de que o coração teria ido à Saite-Chapelle.

Assim termina a empreitada de São Luís na Terra Santa e no mundo. Seu filho quer fazer a transposição do corpo no momento certo e acompanha-lo. Para tanto, antes de se retirar da Terra Santa, os cristãos assinam um acordo com o emir de Túnis no dia 30 de outubro. Segundo Le Goff o emir consegue a retirada dos cruzados de sua terra e que lhe sejam devolvidos os terrenos ocupados, pagando, por isso uma indenização de guerra, bem como concede liberdade de comércio na Tunísia aos cristãos e o direito de padres cristãos pregarem e de rezarem em suas Igrejas.

2.9 – A Canonização

O corpo de São Luís realiza, postumamente, milagres, os quais serão reconhecidos pela Igreja: dois na Sicília, outros dois quando da passagem do esquife na Itália do Norte, em Parma e em Reggio e outro às portas de Paris, em Bonneuil-sur-Marne. Assim, os milagres se multiplicam e Saint-Denis é o caso consumado dos milagres no túmulo de um santo. Entretanto, não mais se faz santos pelo gosto popular. Segundo Le Goff¹²⁵, há um século, a instituição de santos é feita pela Igreja, pelo desenvolvimento de um longo processo de canonização. São Luís conta, à favor de sua canonização, com a fama, a casa capetiana e a Igreja francesa. Além disso, tem-se as ordens religiosas (cistercienses, dominicanos e franciscanos), que foram altamente beneficiadas por São Luís. O processo que canoniza o soberano de França leva 27 anos, contados a partir da morte do santo homem, para ser concluído, haja vista a grande rotatividade de papas e o pouco interesse de alguns.

¹²⁵ *Idem.* p. 269.

Ainda no tempo da morte de Filipe Augusto, avô de São Luís já se sonhava em tornar um rei de França santo.¹²⁶ Foi-se alegado que alguns milagres tinham sido operados pelo rei e que, mesmo seu nascimento fora milagroso, sua morte teria sido cercada de sinais que reconhecem um santo: foi anunciada por um cometa e um cavaleiro italiano moribundo recobra a visão e é curado para poder testemunho junto a um cardeal e ao papa. Entretanto, em 1223, ano da morte de Filipe Augusto, não eram suficientes, para a canonização, rumores de milagres, cometas e visões. Assim, ficaria a cargo da Igreja decidir pela canonização ou não. Entretanto, Filipe Augusto havia sido excomungado por uma vida conjugal considerada escandalosa em Roma, portanto, não foi possível que se tivesse feito santo.

Sendo assim, São Luís foi bem sucedido onde seu avô falhara. São dois os pontos que, segundo Le Goff, compactuam para esse fim: diferentemente de seu avô, São Luís realizou milagres póstumos; sua santidade se deverá a suas virtudes e pelo respeito aos preceitos da fé cristã, principalmente no que concerne a sua vida conjugal. Le Goff conclui, então, que enquanto se tenta fazer de Filipe Augusto um santo sob antigos preceitos, São Luís será um santo moderno, “*com tudo o que isso também comporta de tradicional*”¹²⁷.

Em 4 de Agosto de 1297, em Orvieto, o papa Bonifácio VIII anuncia sua decisão positiva pela canonização de Luís IX.¹²⁸ Em 11 de agosto lhe é consagrado um segundo sermão e a bula *Gloria*. Sua festa é fixada para o dia do aniversário de sua morte, 25 de agosto. O reino de França tem, então, depois de muitos esforços, um rei santo. Assim, em 25 de agosto de 1298, numa cerimônia solene em Saint-Denis, contando com a presença do então rei, Filipe IV, dito o Belo, Joinville, prelados, barões, clérigos, cavaleiros, burgueses e gente do povo, a ossada de São Luís é elevada e depositada num relicário atrás do altar¹²⁹.

2.10 – A Religiosidade de São Luís.

“A religião de São Luís é em primeiro lugar prática devocional. Expressa-se por gestos, ritos, ao longo do dia todo e mesmo da noite, regular e frequentemente repetidos. Mas é também uma fé, uma piedade que, em harmonia com a evolução da prática religiosa de seu tempo, se esforça para penetrar sempre até o homem interior e fazer disso, como recompensa, o motor de sua vida espiritual.”¹³⁰

¹²⁶ *Idem.* pp. 40-41.

¹²⁷ *Idem.* p. 41.

¹²⁸ *Idem.* p. 272.

¹²⁹ *Idem. Ibidem.*

¹³⁰ *Idem.* p. 660.

A devoção de São Luís é a de um leigo que busca alcançar a salvação pessoal, em grande parte, através do exercício de sua função real. Utiliza-se desta para chegar, o máximo possível, próximo da piedade dos clérigos. Além disso, o santo rei considera que seu dever é rezar pela salvação de seus súditos, mais que pela sua própria salvação. Além disso, faz com que a sua salvação e a de seus súditos se confundam, quase totalmente. Vale-se, portanto, segundo Le Goff¹³¹, de todos os campos devocionais, tais como ofícios litúrgicos, confissão, comunhão, culto de relíquias, respeito pela Igreja (ainda que o limite no âmbito do poder temporal na França), práticas penitenciais, caritativas e ascéticas.

O santo rei se esforça por demonstrar sua devoção diária com os gestos, pelos quais é conhecido. São Luís se quer visto como *prud'homme*¹³². Este se define, segundo Le Goff, por sua prudência, sua sabedoria, sua moderação. Une, ainda, cavalaria e sabedoria. Exprime o ideal dos valores morais que qualifica de “*aquele que tem autoridade moral*”, “*que é cheio de mérito*”¹³³. Ou, ainda, o autor propõe a significância de “justo”, “*comparável àqueles do Antigo Testamento que Jesus libertou quando desceu ao limbo*”¹³⁴. Portanto, trata-se do ideal a que São Luís se propõe, mas que nem sempre segue à risca, ao que Le Goff exemplifica citando a fúria do rei diante do infiel. Ainda, consegue praticar a moderação necessária, que mostra na maneira de vestir.

“Porque, como disse o senescal, deveis vestir-vos bem e decentemente, porque assim nossas mulheres vos amarão melhor, e vossas gentes vos estimarão mais. Porque, diz o sábio, devemos caprichar nas vestes e armaduras de tal modo que os *prud'hommes* deste século não digam que exageramos nisso, nem digam os jovens deste século que disso fizemos pouco.”¹³⁵

Outro exemplo da moderação do soberano era vista à mesa. Assim sendo, obedecia aos jejuns e buscava hábitos alimentares e comportamento à mesa próximo ao dos clérigos. Essas atitudes de moderação do santo rei se acentuam ao retorno da primeira cruzada e com a idade. Esforça-se, sobretudo, em imitar Cristo cuidando de servir, à mesa, os pobres, os doentes, os leprosos. Além disso, realiza a prática de lavar os pés antes da refeição, de pobres, monges e frades.

Jacques Le Goff¹³⁶ salienta que São Luís é o rei não só das ordens mendicantes, mas também da ordem de Cister, sob a qual denomina a tutela de Royaumont. Segundo o autor é

¹³¹ *Idem.* p. 661.

¹³² *Idem.* p. 550.

¹³³ *Idem. Ibidem*

¹³⁴ *Idem. Ibidem.*

¹³⁵ *Idem.* p. 552.

¹³⁶ *Idem.* p.661.

essa ordem que liga o mundo monástico anterior ao novo mundo mendicante, porém, pode-se observar uma maior influência das ordens mendicantes em sua política em decorrência de seu caráter público. Seu interesse pelos frades diz respeito ao conhecimento que eles têm dos problemas da sociedade a sua volta e pela sua eloquência de pregadores. O santo rei confia os ofícios litúrgicos em honra às relíquias aos dominicanos de Paris. Os sermões proferidos à família real, e que são a paixão de São Luís, são feitos por mendicantes, na Sainte-Chapelle. Sua admiração pelos mendicantes era tanta que, Segundo Le Goff, ocorreram maldosos boatos de o que o soberano sonhava em abdicar do trono para se tornar um mendicante e que só não o fez pela indecisão entre franciscanos e dominicanos, dissipando a imagem de um rei não só manipulado pelos frades, mas ele próprio sendo um religioso no trono.

No âmago de toda sua religiosidade encontra-se o amor a Deus e a fé em Jesus Cristo, pautados na tradição e nos ensinamentos da Igreja. Os mendicantes, segundo Le Goff, resgatam, em uma nova sociedade permeada por grandes transformações, as virtudes do cristianismo primitivo: “*a pobreza, a humildade, a caridade*”¹³⁷. O autor recorre, neste ponto, ao relato de Joinville:

“O santo rei se esforçou com todo o seu poder em suas conversas para se fortalecer na lei cristã. Dizia que devíamos crer tão firmemente nos artigos de fé que, ainda que advenha morte ou calamidade corporal, não tenhamos qualquer vontade de renunciar à fé pela palavra ou pela ação.”¹³⁸

As infelicidades eram vistas por Luís IX como provações de Deus pelos pecados cometidos. Segundo Le Goff, Joinville salienta que depois de escaparem do naufrágio, as grandes tribulações, em particular, as doenças são ameaças para que pensassem nos pecados cometidos e os corrigissem e pensassem, ainda, na salvação. Essa é, também, a explicação pela derrota do exército cruzado. A fé deveria, ainda, ser defendida das tentações do diabo, sendo o assalto deste mais feroz e perigoso na hora da morte. Participa da religião que tem furor na agonia. Volta-se para o Cristo homem, “*rei sofredor que se aceita e se quer como uma imagem de Jesus sofredor, do Cristo da Paixão*”¹³⁹. A devoção do santo rei é verificada em três instancias hierarquizadas: Cristo, Virgem Maria e os santos.

Assim, são Luís se vê como um vassalo de Deus em que sua fidelidade é prestada à homenagem de sagração, não expressa pelas mãos, mas pela alma. Le Goff afirma que sua fé é confiante por Deus não da cólera, nem sua religião é regida pelo medo, pois acredita, se

¹³⁷ *Idem.* p. 662.

¹³⁸ *Idem.* p. 665.

¹³⁹ *Idem.* p.674.

apropriando das palavras do bispo de Paris, Guillaume d’Auvergne, “*Ninguém pode pecar tanto que Deus não lhe possa perdoar*”¹⁴⁰. Assim, dá grande importância à confissão, pois é ela que apaga os pegados, voltando ao estado de pureza do batismo.

O santo rei se instrui nos assuntos religiosos. Segundo Le Goff, ainda que não seja um intelectual, nem um teólogo, lê a Bíblia, discute sobre os assuntos de religião com aqueles que o cercam e questiona os clérigos que encontra, além de ter uma paixão por sermões. Outras vezes ainda, vai a Royamont sentar-se com os monges em momento de aula. Assim, a exemplo do que ouviu sobre um sultão sarraceno, quis reunir grande número de livros, os quais foram organizados na sala do tesouro da Sainte-Chapelle¹⁴¹. Esses livros foram herdados pelos frades menores e frades pregadores. São Luís tem predileção pelos livros dos santos, não gosta, segundo Le Goff, dos livros dos mestres universitários.

O santo alia os estudos da religião, os ensinamentos da Igreja e a fundamentação no amor de Deus ao desejo pela penitência em decorrência do pecado. Tem pavor do pecado mortal, característica, segundo Le Goff, herdada da mãe. A penitência, para o santo rei, é a recusa ao prazer – por isso tanta moderação à mãe e nas relações conjugais. Ainda que tenha vivido em um a época em que eram comuns as flagelações coletivas, São Luís é mais discreto, e a faz no privativo.

“Depois de cada confissão, pode ser castigado pela mão do confessor com a disciplina feita de cinco pequenas cadeias de ferro ligadas que, dobrada, guarda no fundo de uma pequena caixa de marfim. (...). O vigor dessa flagelação depende do temperamento dos confessores. Geoffroy de Beaulieu crê saber que um deles teria golpeado com força excessiva, ferindo seriamente a carne do rei que era frágil. Se um confessor (e o dominicano faz uma alusão verossímil a si próprio) busca poupá-lo, o rei pede que ele o golpeie com mais força e faz sinal quando a intensidade que deseja foi atingida.”¹⁴²

Quanto ao desejo do rei de fazer uso do silício, seu confessor, Geoffroy de Beaulieu, consegue dissuadi-lo alegando que esse tipo de penitência não convém a um rei e que deveria substituí-la pela distribuição de esmolas para o povo e pela maior rapidez na administração da justiça em seu reino. Entretanto, o santo rei, segundo Le Goff, faz uso dessa ferramenta durante a Quaresma. Essas penitências, para o soberano de França, representam uma renúncia, pois “*tem seu temperamento, tem necessidades carnavais, é guloso, ama a vida, gosta de brincar e de rir*”¹⁴³.

¹⁴⁰ *Idem.* p. 667.

¹⁴¹ *Idem.* p. 669.

¹⁴² *Idem.* p. 672.

¹⁴³ *Idem.* p. 673.

A oração é, para o santo rei, ato de penitência em que a lágrima, quando raramente concedida, é sentida com muito deleite. Além disso, é vista, a oração, como meio de salvação pessoal: reza, segundo Le Goff, para si. Ademais, é devotado à sua linhagem, pratica, assim, uma oração dinástica. Faz, ainda, da sua oração por seus súditos, um dos deveres mais exigentes de sua função, pois, como salienta Le Goff, “*um bom rei cristão é um rei que reza por seu povo*”¹⁴⁴. Assim, pela dinastia, pela crença no purgatório que se enraíza, São Luís reza e manda rezar pelos mortos. Através da oração, o rei obedece ao estipulado pela sua sagração: servir de intermediário entre seus súditos e Deus. Vê na oração o caminho pelo qual um leigo poderia se aproximar das oportunidades de agradar a Deus, concedida aos religiosos.

Outro caminho guiado pelas orações de São Luís é a devoção aos santos. Vê nos santos, segundo Le Goff, auxiliares em sua empreitada por fundir política e religião, para aliar céu e terra, haja vista o mercador desejar ter riqueza na terra e vida eterna no céu, bem como o poderoso deve ter honra na terra para ter glória no céu. Assim, Le Goff salienta uma inversão dos valores: não a terra como no céu, mas no céu como na terra.

“O santo rei convidou o cavaleiro a frequentar a Igreja também fora das festas solenes dos santos e a honrar os santos, e dizia que os santos no Paraíso são semelhantes aos conselheiros do rei na terra. Porque quando alguém tem coisas a tratar com um rei terrestre, pergunta quem está bem com ele, quem pode lhe pedir alguma coisa que está seguro de obtê-la e a que o rei escuta. E, quando sabe quem é essa pessoa, vai ao encontro dela e lhe pede que interceda junto ao rei em seu favor. O mesmo acontece com os santos do Paraíso que são os íntimos (*particulares*) de Nosso Senhor e seus próximos e que podem lhe pedir com segurança, porque ele os escuta. Também deveis vir à Igreja no dia da festa de seus santos, honrá-los e pedir que intercedam junto a Nosso Senhor por vós.”¹⁴⁵

São Luís, podemos perceber, é um homem de grande devoção pela cristandade, chegando mesmo a ser obsessivo. Os religiosos que o cercam, seus conselheiros, tentam lhe frear os arroubos devocionais. Assim, vemos o caminho percorrido pelo santo rei pela justiça e pela paz em seu reino, ancorado, sobre tudo, pelo sagrado. Portanto é um rei engajado com seu tempo, em sua grande ilusão: a paz universal.

¹⁴⁴ *Idem.* p.685.

¹⁴⁵ *Idem.* p. 687.

2.11 – O Rei Santo

Jacques Le Goff¹⁴⁶ traz a luz um problema fundamental no entendimento de São Luís. Esse problema consiste em que os documentos sobre o santo rei são, em sua grande maioria, voltados ao processo de sua canonização. Assim, o autor afirma que, devido à necessidade de se construir a imagem de santidade real, acabam por reduzir sua personalidade ao campo da santidade. Destarte, em virtude do desconhecimento, ou ainda, da falta de documentos atestando sua individualidade, historiadores como Étienne Delaruelle, Edmond-René Labande e Jacques Madaule, segundo Le Goff¹⁴⁷, caracterizam o rei como um homem reservado, explicando, assim, a falta de traços individuais nos documentos sobre o rei.

Entretanto, Le Goff¹⁴⁸ afirma que longe de escapar, a personalidade do rei é desvelada por seus confessores, biógrafos e hagiógrafos. Todos eles salientam a busca da humildade, da justiça e da renúncia, segundo o ideal mendicante, desejado por São Luís. Além disso, sublinham a divisão que passou o reinado do santo rei: antes e depois da cruzada, sendo que antes se configurava num reinado normalmente cristão e depois passou a se configurar num reinado de penitência e ordem moral. Assim, Le Goff¹⁴⁹ conclui que, nesse aspecto, o soberano se intera em concordância ao seu século. Portanto, o autor tem como propósito demonstrar como se pode ver Luís IX nos documentos, fugindo dos lugares-comum e mostrar como essa imagem se congrega num código social e ético de rei.

Destaca-se, segundo Le Goff¹⁵⁰, a importância da família para São Luís em seu luto excessivo, que são também lugares-comuns entre seus hagiógrafos e biógrafos. Le Goff salienta que essa senão vistas como lugares-comum, seria uma sinceridade verdadeira, ou pelo menos uma emoção muito pessoal. O autor destaca, que esse exagero ao luto com a morte da mãe na primavera de 1252, Joinville e o círculo de conselheiros que cercam o rei, é visto como sinal das “*ligações afetivas excepcionais que uniam filho e mãe*”¹⁵¹. Quando, em 1260, morre seu herdeiro, aos 16 anos, entretanto, Vicent de Beauvais lhe reprova a aflição demonstrada. Assim, desta vez, Le Goff aventa que se pode ver aí mais que a aflição ritual de um rei, mas as lamentações de um pai pela perda do filho, ou ainda, a perda de um rei pelo seu herdeiro, visto como castigo divino.

¹⁴⁶ *Idem.* p. 408.

¹⁴⁷ *Idem. Ibidem.*

¹⁴⁸ *Idem.* p. 409.

¹⁴⁹ *Idem.* p. 410.

¹⁵⁰ *Idem.* p. 411.

¹⁵¹ *Idem. Ibidem.*

Jacques Le Goff¹⁵² ressalta que São Luís imita modelos mais antigos, pois foi em sua época que conseguiu a ligação com os carolíngios. Designa-se, segundo Le Goff, no padrão que afirma Caroline Bynun ser o de uma personalidade não existir sem ser “*moldada em um repertório de ‘tipos’ e se definindo segundo o princípio da similitude*”¹⁵³. Portanto, conclui Le Goff que um indivíduo não existe e não se realiza senão coletivamente, através de uma “*identificação coletiva*”¹⁵⁴. No caso de São Luís a identificação se dá pelos santos, pois ser Santo é ser como Deus e

“Se o homem, segundo o Gênesis, foi feito à imagem de Deus, o homem decaído só se torna uma imagem de Deus se for capaz, imitando-o, de tornar-se um santo, ou de atingir a perfeição real, porque essa é a vocação do rei: ser aqui na terra uma *imago Dei*, uma imagem de Deus.”¹⁵⁵

Ainda no que concerne à personalidade de São Luís, Le Goff¹⁵⁶ afirma ser o depoimento de Jean de Joinville, o que traça a maior possibilidade de aproximação com a imagem do santo rei. Seu relato foi escrito depois da canonização do rei de França, quando o senescal contava com 80 anos de idade. As circunstâncias que fazem dele um uma “*testemunha excepcional*”¹⁵⁷ são, segundo Le Goff, o fato dele ter conhecido bem São Luís, principalmente durante o tempo da primeira cruzada; e o fato de ter se informado de outras circunstâncias da vida do soberano através de boas testemunhas. O autor destaca, ainda, que é o primeiro leigo a escrever uma vida de santo. Assim, é um leigo escrevendo sobre um rei leigo que se torna santo, fato que Joinville, segundo Le Goff¹⁵⁸, destaca em seu texto.

Entretanto, o autor ressalva que é preciso se lembrar que o senescal escreve suas memórias mais de meio século depois de ocorridas. Ademais, é preciso, também, lembrar que a sociedade medieval não se caracteriza pela escrita, mas sim pela memória¹⁵⁹ e, segundo Le Goff, diferentemente de atualmente a memória durava mais. Mas, é possível, também, que Joinville tenha escrito memórias anteriormente. Mesmo assim, o senescal evoca características de São Luís que constam nos documentos afirmativos de sua santidade.

¹⁵² *Idem.* p. 417.

¹⁵³ *Idem. Ibidem.*

¹⁵⁴ *Idem. Ibidem.*

¹⁵⁵ *Idem. Ibidem.*

¹⁵⁶ *Idem.* p. 419.

¹⁵⁷ *Idem. Ibidem.*

¹⁵⁸ *Idem.* p. 420.

¹⁵⁹ *Idem.* p. 422.

Le Goff¹⁶⁰ salienta que Joinville demonstra uma memória afetiva em relação às lembranças das imagens comovedoras do rei e dos sentimentos que continuam ligados a ele. Ainda assim, suas memórias se cristalizam sobre a primeira cruzada do rei e da qual teve participação e que introduz Joinville na intimidade do rei. Além de dividir a vontade do senescal diante da empreitada real pela terra santa: vê-se dividido entre o rei e Deus, e a vontade de ficar e proteger sua terra.

Sua memória é, ainda, segundo Le Goff¹⁶¹, visual e auditiva: nos restitui um São Luís vestido com vestimentas coloridas, que tanto o impressionam. Joinville se coloca em muitas ocasiões em primeiro plano na narrativa, não escondendo seu respeito pelo rei e a admiração por poder fazer parte seu círculo íntimo. Em decorrência disso, Le Goff se pergunta se o escrito é uma biografia do rei, ou uma autobiografia do senescal.

Joinville é o primeiro a escrever em francês, e nos fazer ouvir o soberano santo de França falar nessa mesma língua, que é a sua. Assim, o autor¹⁶² salienta que é uma fala em que podemos entrever Luís IX, que parece ser verdadeiramente sua, além dos *Ensinamentos*, dedicados ao seu filho, herdeiro do trono francês, e à sua filha. Assim, Le Goff¹⁶³ enfatiza que mesmo que Joinville pinte um São Luís segundo seu ponto de vista, essa era uma imagem que ele conhecia e não uma imagem montada pela cultura. Contribui para isso o fato de o senescal não se fiar nos exemplos dos evangelhos, mas por utilizar sua vivência com o rei e de sua memória, num texto em que escreve para si mesmo.

Joinville mostra, ainda, características do rei humano: apresenta um rei tocado de perto e que esse toque, segundo Le Goff¹⁶⁴, se assemelha a Cristo, que também tinha a necessidade do contato com seus discípulos. Entretanto, outra hipótese aventada pelo autor é a de que o senescal enriquece o momento de contato entre ele e o rei, pois, lembrando que o soberano já era santo quando Joinville escreve suas memórias, seu corpo é uma relíquia, mesmo em vida. Exibe um rei que ri, e que se diverte com o gesto.

“Quando acabou de falar aos prelados, veio a nós que o esperávamos na sala dos mantos e nos contou rindo o tormento que acabava de impor aos prelados. E reproduziu, arremedando-os e caçoando deles, seu diálogo com o bispo de Reims, o bispo de Chartres e o bispo de Châlons.”¹⁶⁵

¹⁶⁰ *Idem. Ibidem.*

¹⁶¹ *Idem.* p. 423.

¹⁶² *Idem.* p. 424.

¹⁶³ *Idem.* p. 426.

¹⁶⁴ *Idem.* p. 427.

¹⁶⁵ *Idem.* p. 432.

Joinville destaca, ainda, segundo Le Goff, o lugar-comum sobre São Luís ao falar do horror do rei no que concerne ao pecado, bem como a demonstração do amor aos pobres. Entretanto, o senescal não tece apenas elogios ao santo rei, ele também o critica em algumas situações: Le Goff¹⁶⁶ ressalta a crítica pelo rei nem sempre respeitar o que se espera de um *prud' homme*, como o furor do rei perante os mouros; a desaprovação de Joinville ao excesso de lamentação do rei quando da morte de sua mãe, Branca de Castela e quando da morte de seu herdeiro; bem como desaprova seu excesso de justiça que beirava à injustiça; critica sua indiferença para com sua esposa, a rainha Margarida – por quem o senescal tem grande apreço – e com seus filhos, e a obediência excessiva que tinha pela mãe – de quem Joinville não gostava. Ainda sobre sua família, Le Goff, guiado pelas críticas de Joinville, opina sobre São Luís: “*Que homem estranho, que santo bizarro*”¹⁶⁷.

Além de Jean de Joinville, Jacques Le Goff alude a três mendicantes como principais hagiógrafos de São Luís: Geoffroy de Beaulieu, Guillaume de Chartres e Guillaume de Saint-Pathus. O primeiro, Geoffroy de Beaulieu¹⁶⁸, segundo o autor, foi um dominicano confessor do rei durante os 20 últimos anos de vida de São Luís. Acompanhou o soberano a Túnis e lá assistiu seus últimos momentos. A pedido do papa Gregório IX, envia ao mesmo uma exposição de 52 capítulos sobre os feitos e comportamentos do rei, o confessor compara São Luís a Josias, pois ambos tiveram uma conduta em que se pode dividir seus reinados em duas partes¹⁶⁹. Segundo Le Goff, as virtudes e a piedade do rei constituem o centro do tratado; contém, também, o essencial dos *Ensinamentos* e a peregrinação para Nazaré; evoca a primeira cruzada, seu retorno à França, a preparação para a segunda cruzada, a morte do rei, o destino dos restos mortais e o enterro da ossada de São Luís em Saint-Denis, conclui, sem relutância e objetivamente: “*Ele é digno de ser inscrito entre os santos*”¹⁷⁰.

Guillaume de Chartres¹⁷¹ foi um mendicante dominicano que atuou como capelão do santo rei na primeira cruzada empreendida pelo monarca e ficou com ele durante seu cativo. Assiste a morte do rei, e a sua própria se dá no ano de 1282, não vê, portanto, São Luís canonizado (1297). Le Goff afirma que o documento do capelão consta de duas partes: a primeira, *Vita*, aborda as virtudes dos santos; a segunda é dedicada aos milagres. Evoca na obra, ressalta o autor, a construção da Sainte-Chapelle e as práticas devocionais; lembranças das cruzadas; a administração do rei preocupado em servir à Igreja; a humildade, a caridade e

¹⁶⁶ *Idem.* p. 434.

¹⁶⁷ *Idem.* p. 438.

¹⁶⁸ *Idem.* pp. 297-299.

¹⁶⁹ *Idem.* p. 298.

¹⁷⁰ *Idem. Ibidem.*

¹⁷¹ *Idem.* p. 299-300.

as práticas de “*obras de misericórdia*”¹⁷²; destaca o ascetismo do rei e nisso o texto se aproxima de Espelhos de Príncipe; salienta a predileção pelos frades e os benefícios concedidos às ordens mendicantes; relata mais detalhadamente sobre os milagres do rei; enfim, seus escritos estão livres de uma ordem cronológica, com a de Geoffroy de Beaulieu.

Guillaume de Saint-Pathus¹⁷³ foi um frade mendicante da ordem dos franciscanos. Foi, segundo Le Goff, confessor da rainha Margarida e não conheceu pessoalmente o rei. Seu texto é escrito depois da canonização, muito provavelmente em 1303. O autor afirma que, em decorrência de não ter conhecido pessoalmente São Luís, é ele quem provavelmente dá o melhor testemunho de como o santo rei foi visto por seus contemporâneos. Segue um sentido em que com a canonização do soberano, afirma Le Goff¹⁷⁴, o rei passa de um prestígio moral e espiritual para a taumaturgia. Como não tem contato com o rei, sua narrativa relata outros escritos do processo de canonização. Assim, para o autor, “*é a criação coletiva das testemunhas do processo*”¹⁷⁵. Le Goff divide a obra do franciscano em três partes principais, sendo que as duas primeiras constituem a infância e a juventude do rei, a relação com sua mãe, Branca de Castela e sua educação, na terceira parte narra a morte do monarca francês e ressalta a prática habitual de devoção e das virtudes do rei. Há, também, segundo o autor, uma insistência na afeição do rei pelas ordens mendicantes. Além de sua *Vita*, Le Goff destaca o sermão em que Guillaume de Saint-Pathus define São Luís como “*generosus, famosus, virtuosus (de origem nobre, de boa reputação, de grande virtude)*”¹⁷⁶. O texto tem, segundo o autor, um sentido de espelho de príncipe, onde o franciscano acomoda a imagem de São Luís ao seu ideal de príncipe.

Assim, Jacques Le Goff conclui pelos documentos apresentados, que traços de individualidade do rei são lidos nas entrelinhas, sendo que o grosso do conhecimento do soberano cabe à sua santidade. O autor conclui, então, que “*desse modo estamos presos numa massa de memória dentro da qual é importante a nós uma imagem, em grande parte estereotipada de São Luís*”¹⁷⁷.

¹⁷² *Idem.* p. 300.

¹⁷³ *Idem.* pp. 300-307.

¹⁷⁴ *Idem.* p. 301.

¹⁷⁵ *Idem. Ibidem.*

¹⁷⁶ *Idem.* p. 304.

¹⁷⁷ *Idem.* p. 306.

CAPÍTULO 3
PERFIL DE SANTIDADE EM
SÃO FRANCISCO DE ASSIS E EM
SÃO DOMINGOS

O termo Hagiografia é utilizado desde o século XVII, segundo Andréia Cristina Lopes Frazão da Silva¹⁷⁸, para designar textos que tratam de santos com objetivos religiosos, bem como o estudo sistemático e crítico, que se inicia neste mesmo século. O material hagiográfico possui como temática central a biografia, assim a natureza desses documentos é diversa. Sendo assim, utilizo-me desses escritos para viabilizar o processo de santificação de São Luís que, por sua vez se utiliza dos exemplos mendicantes para instituir uma monarquia santificada seguindo o exemplo de Cristo. Assim, analisarei as hagiografias de São Francisco e São Domingos, delimitando o perfil de espiritualidade gótica em que se enquadra o santo rei.

3.1 – Santidade

Santidade, segundo Sofia Boesh Gajano¹⁷⁹, sob uma perspectiva cristã, é uma construção que se faz através da percepção da excepcionalidade de caráter de um homem ou de mulher que atenta por reger sua vida conforme inspirações em modelos gerais (Cristo) ou dentro dos preceitos religiosos estabelecidos. Assim, infere-se grande importância na disciplina do corpo, pois “*é a realidade física na qual o percurso espiritual se coloca em evidência*”¹⁸⁰.

Segundo André Vauchez¹⁸¹, no século XIII, ascende-se a comunhão de modelo de santidade baseado na figura de Cristo, no desejo de imitá-lo. O autor afirma que o santo era, principalmente nesse século, um morto ilustre, daí provem a importância do corpo que em vida sofreu privações e perseguições por amor a Deus. O corpo do santo é o ponto de contato entre o fiel e Deus. Sendo assim, o autor conclui que o corpo pode ser desmembrado sem

¹⁷⁸ SILVA, Andréia Cristina Lopes Frazão da. *Hagiografia*. In: <http://www.ifcs.ufrj.br/~frazao/hagiografia.htm>.

¹⁷⁹ GAJANO, Sofia Boesch. Santidade. In: LE GOFF, Jacques e SHMITT, Jean-Claude. *Dicionário Temático do Ocidente Medieval*. Vol. II. Edusc: SP. 2006. Pp. 449-462.

¹⁸⁰ *Idem*. p. 449.

¹⁸¹ VAUCHEZ, André. O Santo. In: LE GOFF, Jacques e FRANCO CARDINI, Florentino (orgs). *O Homem Medieval*. Lisboa: Presença, 1989. P. 220.

perder suas propriedades místicas, o que justifica o culto e roubo às relíquias. Além disso, Vauchez afirma que as hagiografias, no século XIII, dotavam o santo de um caráter heroico e que sua vida tinha o propósito de atestar sua santidade através da evidenciação de suas virtudes.

Sofia Gajano¹⁸² salienta o problema de se distinguir a origem da santidade. Segundo ela, a Grécia Antiga conhece formas de divinização com os heróis enquanto os romanos cultuam os imperadores e no Baixo Império encontra-se, também, demônios que podem ser maléficos e benéficos. Na cultura hebraica encontramos o culto à Iave que é primeiramente exclusivo depois passa para pessoas próximas e torna-se, ainda, coletiva (povo de Israel) e moral. São ultrapassados pela figura de Cristo que garante, pelo milagre da ressurreição, a imortalidade da alma de cada homem. A biografia de Jesus – “*seu amor por Deus e pelo próximo, sua prática das virtudes, sua luta contra as tentações materiais e espirituais, sua autoridade sobre a natureza*”¹⁸³ – o torna modelo de santidade.

Mártires e confessores, segundo Gajano, são os primeiros cultuados como santos, são mortos excepcionais, mas se tornam, rapidamente, intercessores pela proximidade evidente que têm com Deus. São esses mártires, vitimados pela perseguição aos cristãos, os primeiros alvos das Hagiografias. Estas, segundo Carolina Coelho Fortes¹⁸⁴, se iniciam no século II, mas sua difusão inicia no século IV.

Frazão¹⁸⁵ ainda afirma que esses textos têm por objetivo guiar a liturgia (missas e ofícios monásticos), atrair adorações e doações, doutrinar e edificar. Sendo assim, esses escritos são de grande importância para a dispersão de modelos e padrões morais. Porém, salienta que não são textos teológicos ou canônicos, mas festivos, que visam comemorar a vitória do santo contra o mal. Quanto à estrutura das hagiografias, a autora salienta que não havia uma forma definida, sendo que poderia enfatizar tanto aspectos biográficos, como os feitos dos santos – principalmente milagres que, segundo Carolina Coelho Fortes¹⁸⁶, a evidência destes é tão importante quanto uma conduta virtuosa para garantir que sua santidade vem de Deus.

¹⁸² GAJANO, Sofia Boesch. Santidade... *Op. Cit.*

¹⁸³ *Idem.* p. 451.

¹⁸⁴ FORTES, Carolina Coelho. Os mártires na *Legenda Áurea*: a reinvenção de um tema antigo em um texto medieval. in: LESSA, Fábio e BUSMANTE, Regina (orgs.). *Memória e Festa*. Rio de Janeiro: Mauad, 2005. (<http://www.pem.ifcs.ufrj.br/Martires.pdf>).

¹⁸⁵ SILVA, Andréia Cristina Lopes Frazão da. *Hagiografia... Op.Cit.*

¹⁸⁶ FORTES, Carolina Coelho. Pressupostos Teóricos para o Estudo da Hagiografia. In: *Atas da IV Semana de Estudos Medievais*. <http://www.pem.ifcs.ufrj.br/AtasIVSem.pdf>. pp. 173-179.

Andréia Frazão¹⁸⁷ defende ainda a ideia de Vauchez que com a transformação da espiritualidade medieval, se transformam, por consequência, os ideais de santidade e a forma das hagiografias. Além de Vauchez, a autora cita Baños Vallejo que afirma ser o diferencial hagiográfico medieval o seu conteúdo e não a forma. Segundo Frazão, este autor apresenta três elementos fundamentais nesses textos:

“as ações realizadas em vida pelo santo e que retratam seu desejo pela santidade, a morte vista como processo de aperfeiçoamento e, finalmente, os milagres ‘post-mortem’, como sinal do êxito e comprovação da santidade desejada pelo santo”.

Percebe-se que as hagiografias, no século XIII, têm grande atuação no cenário de construção da santidade, haja vista, como atesta Carolina Coelho Fortes, ser possível identificar traços característicos da época do texto estudado. Segundo a autora, a contextualização da fonte escrita é considerada como um discurso. Assim, estando o ideológico presente nestes textos, representado por traços da geração, pode-se analisar o processo social de produção da fonte. Assim, afirma Carolina Fortes, que estes textos estabelecem modelos de uma vida exemplar.

“A vida do santo se inscreve em uma coletividade e representa a consciência que esta tem de si mesma, pois associa uma imagem a um lugar, ou seja, o santo (mártir, patrono, fundador de uma ordem etc.) a um local (túmulo, igreja, mosteiro). As vidas, ao mesmo tempo em que se distanciam das origens (uma comunidade se distingue de seu passado graças a distância que constitui a representação deste), precisam deste retorno para reconstituir a unidade no momento em que o grupo corre o risco de se dispersar. Na hagiografia a lembrança se combina com a edificação para proteger o grupo contra a dispersão.”¹⁸⁸

Fortes afirma, também, que a Hagiografia está conectada a um espaço de lazer, em decorrência de serem lidas no momento das refeições, ou nos horários de lazer dos monges, bem como eram lidas nos dias de festa, nos lugares de peregrinação e nas horas vagas. Além disso, as hagiografias não são dogmas, não é preciso que se acredite nelas, elas simplesmente propõem, segundo a autora, o que é lícito ou não fazer. Configura-se, portanto, em exemplos.

O destaque na hagiografia, afirma Carolina Fortes, se volta ao personagem em detrimento da individualidade. Assim, o importante é o modelo, sendo que características e acontecimentos se repetem incessantemente, que combinados atribuem um sentido. Não se preza por uma unidade biográfica, mas pela função que representa. É, ainda, e sobretudo, segundo a autora, um discurso de exaltação das virtudes, que se aproximam mais do

¹⁸⁷ SILVA, Andréia Cristina Lopes Frazão da. *Hagiografia... Op. Cit.*

¹⁸⁸ FORTES, Carolina Coelho. *Pressupostos... Op. Cit.*

extraordinário e do maravilhoso. Ademais, Fortes considera virtudes e milagres como poder: “As virtudes são poder como norma social, e os milagres são o poder da exceção”¹⁸⁹.

Vauchez¹⁹⁰ ressalta que as coletâneas de santos e de milagres visam adaptar os homens de Deus a modelos que correspondem ao ideal de conduta reconhecida como perfeição cristã, tais como mártires, virgens, confessores, principalmente, Cristo. Segundo o autor, cada indivíduo digno do título de santo procura, em vida, seguir o exemplo do filho de Deus, ou aproximar-se o máximo do Salvador. Assim, afirma que

“Partindo das narrações cujo objetivo preciso é eliminar as particularidades dos indivíduos e transformar a sua vida em fragmentos de eternidade, é difícil imaginar o que pode ter sido a existência concreta dessas personagens, que se reduz, muitas vezes, a uma série de estereótipos.”¹⁹¹

As hagiografias têm, ainda, afirma Vauchez, a tendência de apresentar de forma repetitiva os modelos de santo, bem como o fazem modelo de exceção, cuja vida tem único fator suscetível a mudanças que é o espaço-temporal que, mesmo assim, apresentam-se em uma forma esquemática, que pretende a valorização da perfeição do herói ou da heroína. O caráter extratemporal da santidade acabava por alijá-la de qualquer dimensão histórica.

Vauchez¹⁹² salienta que os santos não são invenção da Idade Média, pois na Antiguidade Tardia havia a crença, bastante disseminada, em que haveria espíritos protetores dos indivíduos, tais como “*demônios, gênio, anjos, etc.*”¹⁹³ assim sendo, foi-se transferida essa crença em seres desencarnados a pessoas que possuíam uma conduta exemplarmente cristã – “*que adoptassem como intercessores os homens e as mulheres que, pela sua fé heroica, tinham merecido ter Deus como seu protector pessoal*”¹⁹⁴. Os santos tinham a função de interceder diante de Deus por aqueles que se colocavam sob sua proteção, acabavam, também, por restituir a confiança na salvação ao nível do cotidiano. Vauchez¹⁹⁵ ressalta que, nesse sentido, enquanto anteriormente só se faziam santos aqueles que eram parte de uma *ordo*, essencialmente a monástica, nos séculos XII e XIII com a nova mentalidade, desvelava-se a necessidade do empenho pessoal que acaba por transformar a santificação em “*uma aventura pessoal e numa necessidade interior, sentida de forma diferente de acordo com as*

¹⁸⁹ *Idem.*

¹⁹⁰ VAUCHEZ, André. O Santo... *Op. Cit.* p. 211.

¹⁹¹ *Idem. Ibidem.*

¹⁹² *Idem.* p. 212.

¹⁹³ *Idem. Ibidem.*

¹⁹⁴ *Idem. Ibidem.*

¹⁹⁵ *Idem.* p. 218.

*peessoas e os lugares, mas que em todo caso obedece a um impulso amoroso*¹⁹⁶. Assim, Cristo feito homem é exaltado, bem como os pobres voluntários. Passa-se a seguir esse exemplo.

A historiadora Néri de Almeida Souza¹⁹⁷ salienta que a receptividade do culto aos santos, muito cedo se insere nas operações de conversão da Igreja e que, portanto, a hagiografia se tornou o principal testemunho dos feitos dos santos. Andréia Frazão¹⁹⁸ afirma que os objetivos das hagiografias eram múltiplos: poderiam servir para propagar os feitos de determinado santo e angariar doações à instituição eclesiástica que o tinha por patrono; produção de textos para uso litúrgico; serviam para leitura privada; como textos escolares; instruir e edificar a fé cristã, além de divulgar os ensinamentos da Igreja.

André Vauchez¹⁹⁹ ressalta que, era na vida, mais que nos milagres, que se encontravam a verdadeira grandeza dos santos ou, ainda que os poderes extraordinários de que desfrutavam postumamente era consequência da vida de pobreza, sôfrega e humilde que levavam a exemplo de Cristo. Neste âmbito em que se disseminam as vidas de santos, a obra do dominicano Jacopo de Varazze, *Legenda Áurea*, é a compilação hagiográfica de maior sucesso.

3.2 – A *Legenda Áurea*

A *Legenda Áurea* é uma obra publicada na segunda metade do século XIII – segundo Vauchez, em cerca de 1260 – escrita pelo frade dominicano Jacopo de Varazze. O autor nasce em 1226 e entra para a ordem dominicana com 18 anos e chega, em 1267, à liderança da ordem, na província da Lombardia, onde ficará por 20 anos. Sua notoriedade era tanta que, quando Gênova foi excomungada, foi ele escolhido pela população para, junto do franciscano Rufino de Alessandria, interceder pela cidade em Roma. Foi sagrado arcebispo de Gênova, em 1292, pelo papa Nicolau IV. Morreu em 1298 admirado por seus concidadãos e tornado, em 1645, patrono da Varazze e foi beatificado em 1816 pelo papa Pio VII. Pouco mais se é sabido sobre esse autor. Segundo Néri Souza²⁰⁰ a tradição escrita na Idade Média dá preferência aos estereótipos de grandeza das personagens de prestígio em detrimentos de se

¹⁹⁶ *Idem.* p. 219.

¹⁹⁷ SOUZA, Néri de Almeida. *Palavra de Púlpito e erudição no século XIII*. A *Legenda Áurea* de Jacopo de Varazze. In: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-01882002000100005 (acessado em 01/11/2010).

¹⁹⁸ SILVA, Andréia Cristina Lopes Frazão da. *Hagiografia... Op. Cit.*

¹⁹⁹ VAUCHEZ, André. *A Espiritualidade da Idade Média Ocidental... Op. Cit.* p. 184.

²⁰⁰ SOUZA, Néri de Almeida. *Palavra de Púlpito...Op. Cit.*

retratar dados objetivos das narrativas. Portanto, a autora avança que o pouco que se conhece de Jacopo se deve ao excesso de importância que tinha. Assim, a autora ressalta que sobre o dominicano nos chega a imagem do bispo santo que, por sua vez, nos remete a um modelo de princípios próprios da Idade Média. Além disso, tinha boas relações com o papado. Entretanto, Souza salienta que Jacopo tem uma trajetória ambígua, que pode ser atestada por sua obra: fortemente envolvido com a missão dominicana, Varazze não tem como objetivo único, segundo a autora, a formação do clero divulgador e a unidade da fé comum. Assim, mesmo que, no século XIII, se esforçava por distanciar a santidade dos elementos místicos, Jacopo insiste na santidade martirológica e milagrosa como base de sua pastoral.

A obra *Legenda Áurea* tem, segundo Hilário Franco Júnior²⁰¹, grande valor moral e pedagógico. Sendo assim podemos avançar a importância dessa obra para a pregação. O autor salienta que a palavra *Legenda* tem o significado de “aquilo que deve ser lido” ou ainda de “vida dos santos” e *Áurea* de ouro, assim sendo, conclui-se que são escritos de grande valor. Segundo Franco Júnior, a intenção de Jacopo de Varazze ao realizar a obra é o de fornecer material de apoio a seus irmãos pregadores na elaboração de seus sermões. Não se limita a compilar as hagiografias já existentes, mas também as comenta. As escreve em forma de *Exemplum* (“relato breve dado como verídico e destinado a ser inserido num discurso”²⁰²). O autor salienta que a *exempla* enriquece as hagiografias e possibilita a criação de uma identidade de sociedade na medida em que se configura em uma cultura intermediária considerada como espaço comum à elite e ao vulgo, onde eram trabalhadas de formas diferenciadas pelos dois lados.

Segundo Franco Júnior, Varazze tem intenção de mostrar a vida dos santos de forma universalizada, sob um mesmo enquadramento geográfico, pois se percorre várias regiões, e a marca por atemporalidade. Além disso, salienta a imagem tradicional de santidade, com seus poderes taumátúrgicos e seus corpos imaculados pela morte, mostrada por Varazze. O historiador atenta, também, para o fato de o santo ser visto como um interlocutor entre o fiel e o divino, sendo que ambos são passíveis de punição em ocorrência de desobediência de suas obrigações: o fiel não cumprindo com as orações e jejuns e o santo homem quando não conquistadas a saúde e salvação eterna do fiel.

A *Legenda Áurea*, conheceu, mesmo em sua época, grande sucesso, tendo sido traduzida diversas vezes e com várias edições. A versão escolhida pelo historiador Hilário

²⁰¹ VARAZZE, Jacopo. *Legenda Áurea*. Vidas de Santos. FRANCO JUNIOR, Hilário (trad.). Companhia das Letras: São Paulo, 2003.

²⁰² *Idem*. p. 13.

Franco Junior para a tradução da edição brasileira “*abarca a integralidade do texto comprovadamente de Jacopo de Varazze*”²⁰³. Por respeito ao frade dominicano, Franco Junior não seleciona os apêndices de outros autores, bem como não faz interferências diretas no texto nos muitos erros de citações bíblicas que eram, muitas vezes, feitas de cabeça. Assim, o historiador opta por utilizar a versão de 1845 publicada por Theodor Graesse.

Néri de Almeida Souza²⁰⁴ afirma que, pelo caráter ascético e martirológico, as vidas dos santos vêm abrandando o trabalho de pregação na construção do perfil de santos guiados por uma trajetória de morte. Além disso, a autora destaca que a pregação aparece superficialmente e dependente da cena de martírio. Viam, ainda, segundo a historiadora, a pregação como martírio. Nesse sentido, Souza cita Nicole Hermann-Mascard que diz que

“era lógico julgar dignos de veneração os ilustres solitários, os ascetas que, desejando provar sua fé, não tinham mais a possibilidade de verter o sangue por Cristo. Os pais da Igreja proclamam que a vida ascética é substituta do martírio.”²⁰⁵

Para a redação deste trabalho, optou-se pelas hagiografias de São Francisco de Assis e de São Domingos. São essas duas personagens os fundadores das duas principais ordens mendicantes, franciscana e dominicana. É, também, por esses dois mendicantes que denotamos os maiores exemplos e precursores de mendicância, que impera entre os combatentes, pela palavra, das heresias.

3.3 – A Santidade Mendicante em São Domingos

Jacopo de Varazze²⁰⁶ começa suas compilações, na *Legenda Áurea*, trazendo os possíveis significados do nome do santo a ser tratado. Assim, no que concerne a São Domingos, diz ser, o significado de seu nome, “*guardião do Senhor*” ou “*guardado pelo senhor*”. A esta conclusão, Varazze se fia na etimologia do nome: Domingos derivaria de *dominicus* que significa “*Senhor*”. Já nessa introdução do nome do santo, podemos vislumbrar um caráter apologético dos valores cristãos suplantados pela Igreja Católica.

“O bem-aventurado Domingos foi doador por meio de ameaças, já que perdoou as injúrias recebidas, foi doador que dá menos por ter macerado seu corpo e lhe dado

²⁰³ *Idem.* p. 23.

²⁰⁴ SOUZA, Néri de Almeida. Hipóteses sobre a Natureza da Santidade: O Santo, o Herói e a Morte. In: *Signum*. Revista da ABREM – Associação Brasileira de Estudos Medievais. Número 4, 2002. p. 12.

²⁰⁵ *Idem.* p. 13.

²⁰⁶ VARAZZE, Jacopo de. São Domingos. In: *Legenda Áurea... Op. Cit.* pp. 614-631.

menos do que este desejava, foi doador de grandes coisas pela sua largueza, que o fez não somente repartir com os pobres o que era seu, mas sobretudo ter diversas vezes pretendido vender a si mesmo.”²⁰⁷

Jacopo inicia sua narrativa dos feitos do santo homem de forma biográfica²⁰⁸, ainda que saia deste caminho mais adiante. Segundo o autor, o nascimento de Domingos é cercado de sinais que preceituam sua santidade, como o sonho da mãe em que ela teria um cachorrinho que, ao nascer, carregaria uma tocha ardente na boca e que incendiaria o mundo com ela, ou ainda, a visão da madrinha que o afilhado tinha uma estrela muito brilhante na fronte que iluminaria todo o mundo. Além disso, demonstra que Domingos tinha vocação a ser santo desde pequeno, pois demonstra sua humildade e seu amor aos pobres já na infância.

“Desde pequeno, ainda sob os cuidados de uma ama-de-leite, com frequência deixava seu leito e deitava-se nu sobre o chão. Enviado a Palência para estudar, por amor à sabedoria não provou vinho durante uma década. Quando ocorreu ali uma grande escassez alimentar, vendeu todos os seus livros e móveis e distribuiu o dinheiro aos pobres.”²⁰⁹

Varazze ressalta o gosto pelo estudo de Domingos como fator de sua ascensão à perfeição e cita o livro de colações dos Pais da Igreja como ponto alto dessa perfeição. DUBY²¹⁰ afirma que a pregação de Domingos e seus companheiros eram verdadeiros embates de eloquência, em que combatiam a heresia no âmbito dogmático e por vias da Teologia. Expressavam-se língua vulgar, se fazendo, assim, acessíveis ao público no geral. Desse modo, na hagiografia de Domingos é demonstrado um modelo no qual era pela leitura e oração, praticadas durante o dia e a noite, que pedia a Deus a graça de se consagrar a salvação do próximo. Assim, Jacopo cita a conversão do bispo de Osma, que foi quem o nomeou cônego, como o primeiro convertido à fé cristã por Domingos, pois o bispo se encontrava corrompido pela heresia.

Podemos evidenciar, ainda, segundo Néri Souza²¹¹, a pregação como forma de martírio, além do escárnio da carne que levaria a morte lenta e dolorosa tão almejada, não só em particular por São Domingos, mas por aqueles que se empenhavam nos caminhos de perfeição cristã e que precisavam, para alcançar seu objetivo dominar os desejos da carne. Como ressalta a autora, percebemos a descrição lenta e detalhada do momento da morte que torna clara a relação que o santo tem com a morte e com sua eficácia. Portanto, conclui a

²⁰⁷ *Idem.* p. 614.

²⁰⁸ *Idem. Ibidem.*

²⁰⁹ *Idem.* p. 615.

²¹⁰ DUBY, Georges. *O Tempo das Catedrais... Op. Cit.* p. 140.

²¹¹ SOUZA, Néri de Almeida. *Hipóteses sobre a Natureza da Santidade... Op. Cit.* p. 12

historiadora que a vida do santo se dá pela constatação da exposição do corpo aos limites da sobrevivência, o que acaba por delegar um potencial vital a experiência da morte em vida.²¹²

“Os adversários da verdade escarneciam dele, cuspiam nele, jogavam-lhe lama e outras imundices e por zombaria amarravam feixes de palha nele. Quando eles o ameaçavam de morte, respondia: ‘Não sou digno da glória do martírio, ainda não mereço esta morte’. Buscando-a, passava não apenas intrépido, mas também alegre e cantando, pelos lugares nos quais se preparavam emboscadas para ele. Admirados, os inimigos da verdade diziam: ‘Você não teme a morte? O que faria se o prendêssemos?’. Ele: ‘Eu imploraria a vocês que não me ferissem logo mortalmente, mas que pouco a pouco cortassem um após o outro cada um de meus membros e que os colocassem diante de meus olhos antes de furá-los, e que por fim abandonassem meu corpo semimorto e despedaçado, envolto em sangue, ou que me matassem como desejassem.’²¹³

O culto mariano aparece também na narrativa sobre São Domingos. A Virgem Maria aparece como mediadora entre os homens e Cristo, que, ao que parece, havia perdido as esperanças nos homens. A Santa Mãe intercede, então junto a seu filho para que poupasse a humanidade, e assim Ele cede aos pedidos da mãe e manda a ordem dos pregadores para evangelizar. Entretanto, em um das versões dessa historietta contada por Jacopo, Domingos tem a ajuda de São Francisco de Assis. Assim, são os dois instituídos pastores de Cristo na terra, mandados para, lado a lado, arrebataram Seu rebanho à fé Cristã.

“Então a Virgem ajoelhou-se diante dele e disse: ‘Filho caríssimo, tenha piedade e tempere a Sua justiça com misericórdia!’. Cristo: ‘Você não vê quanto minha justiça é infrígida?’. Ela: ‘Modera o furor, filho, e espera um pouco mais, pois existe um escravo fiel e intrépido lutador que percorrerá o mundo todo e o submeterá e o subjugará ao Seu domínio. Darei a ele a ajuda de outro escravo que também combaterá fielmente’. O Filho: ‘Sua presença faz-me acalmar, mãe, mas quero ver os homens a quem está destinada tarefa tão difícil’. Ela então apresentou São Domingos a Cristo, que disse: ‘Ele é verdadeiramente bom e intrépido lutador, e fará com empenho o que você disse’. Cristo também viu São Francisco, a quem elogiou da mesma forma que ao primeiro.’²¹⁴

Jacopo atesta a fidelidade de São Domingos para com Cristo, haja vista, como relata Georges Duby²¹⁵, ter por objetivo o combate às heresias despojados de adornos, riquezas e mulheres, como o fez Cristo. Além disso, ressalta sua bondade, humildade, sua paz interior. Pode-se perceber, ainda, o exagero com que a personagem é retratada em sua devoção, bem como é relatada sua penitência:

²¹² *Idem.* p. 13.

²¹³ VARAZZE, Jacopo de. São Domingos. In: *Legenda Áurea... Op. Cit.* p. 616.

²¹⁴ *Idem.* p. 618.

²¹⁵ DUBY, Georges. *O Tempo das Catedrais... Op. Cit.* p. 140.

“(...) durante a noite ninguém entregava-se mais à vigília e à oração. De dia dedicava-se aos próximos, de noite a Deus, fazendo de seus olhos uma fonte de lágrimas. Quando o corpo de Cristo era levantado na missa, ele frequentemente era arrebatado em espírito, como se visse diante de si o Cristo encarnado.(...). Toda noite recebia de suas próprias mãos três chicotadas com uma corrente de ferro, uma por si mesmo, outra pelos pecadores que estão no mundo e a terceira por aqueles que estão padecendo no Purgatório.”²¹⁶

Jacopo mostra que mesmo na hora de sua morte, Domingos exalta os ideais das ordens mendicantes, bem como oferece consolo aos que lamentavam sua morte, mostrando, como defende a historiadora Néri de Almeida Souza²¹⁷, que o desencarnar era o objetivo final de toda sua luta através de uma vida cristã perfeita, para então salvaguardar a salvação daqueles que se colocavam sob sua proteção, bem como sua própria salvação, além de mostrar, o repúdio as posses terrenas.

“Aqui está a herança que deixo em justa posse a vocês, como filhos. Tenham caridade, exerçam humildade, pratiquem a pobreza voluntária’. Na verdade, o que ele mais severamente proibia era que alguém introduzisse em sua ordem posses temporais, invocando a mais terrível maldição do Deus onipotente e de si mesmo contra quem pretendesse macular a Ordem dos Pregadores com o pó dos bens terrenos. Os frades sofriam, inconsoláveis, sua partida, e ele os consolou docemente: ‘Filhos, não deixem que a separação de meu corpo os perturbe; não duvidem que serei mais útil a vocês morto do que vivo’. Chegada a hora extrema, dormiu no senhor no ano de 1221.”²¹⁸

Néri de Souza²¹⁹ salienta a incorrupção do corpo santo, sendo que os odores que exalam depois de sua morte, mesmo que se passem tempos desde que o santo tivesse morrido, são agradáveis, puros, taumaturgos. Assim, na hagiografia de São Domingos, que Varazze nos trás, evoca-se o corpo imaculado do santo e com um odor que transcendia qualquer outro. Além disso, salienta-se, na narrativa dominicana, o poder das relíquias, não só o poder do corpo, mas o poder da terra e de tudo que entrara em contato com o santo corpo, agora feito relíquia e causadora de milagres póstumos.

A última narrativa da hagiografia ilustra grandemente os ideais da ordem dos pregadores onde percebemos que a mensagem a ser passada é a de que apenas aqueles que são humildes, perseguem a verdade, são justos, desejam a paz, são dignos de salvação. Entretanto, para alcança-los é necessário procurar pela misericórdia cujo caminho é dado a percorrer pelos irmãos pregadores, que intercederão por aqueles que adotarem a penitência, a continência, a simplicidade, a descrição como manda a doutrina cristã.

²¹⁶ *Idem.* p. 625.

²¹⁷ SOUZA, Néri de Almeida. Hipóteses sobre a Natureza da Santidade... *Op. Cit.* p. 12.

²¹⁸ VARAZZE, Jacopo de. São Domingos. In: *Legenda Áurea...* *Op. Cit.* p. 627.

²¹⁹ SOUZA, Néri de Almeida. Hipóteses sobre a Natureza da Santidade... *Op. Cit.*

Ainda nessa historietta nos deparamos com a evocação de Maria, José e Jesus. Assim, podemos aventar a maior importância dada ao homem. Neste sentido Hilário Franco Júnior²²⁰ afirma que se desenvolve, no século XIII, uma espiritualidade voltada à faceta humana de Deus. Vê-se na figura de Cristo, segundo o autor, a prefiguração do primeiro homem, do homem perfeito, de Adão. Assim, associada à imagem da criação de Eva, afirma Franco Júnior, surge a ideia de que, assim como Eva nascera de uma costela de Adão, a Igreja nascera do sangue de Cristo que jorra quando da perfuração de seu flanco pela lança romana. Portanto, conclui o autor, que a associação desses dois nascimentos tem conteúdo ideológico: estavam ligados à Reforma Gregoriana e sua meta de purificar a Igreja separando a sociedade cristã em clérigos e leigos. Ainda sob essa metáfora, coloca-se a Igreja como superior ao século, pois, assim como Eva nasce do peito do homem – e não de uma parte superior, o que acaba por estabelecer certa igualdade entre os sexos – a Igreja nasce do peito de Cristo, o último homem perfeito.

3.4 – A Santidade Mendicante de São Francisco de Assis.

Jacopo de Varazze inicia a hagiografia de São Francisco de Assis²²¹, também, pelo nome do santo. Entretanto, não traz a etimologia do nome, como faz nas outras hagiografias. Mas traz a mudança do nome de Francisco. Segundo o autor, o santo teria recebido um primeiro nome, João, e posteriormente mudado para Francisco. Ao fato, Varazze expõe sete causas: lembra o milagre do conhecimento da língua francesa por São Francisco; afim de que pelo nome incomum sua crença fosse mais rapidamente disseminada; que deveria tornar francos os pecadores; destacar a magnanimidade de seu coração; pregação; afugentar o demônio; “*assegurar a virtude pela perfeição de suas obras e pela honestidade de sua maneira de viver*”²²².

A narrativa da vida de Francisco começa com a sua conversão ao exemplo de Cristo. Sabemos que São Francisco nasce em meio a uma comuna que se alegava cántara e nos primeiros do século XIII converte-se ao cristianismo e passa a ser “*jogral de Deus*”²²³. Este

²²⁰ FRANCO JÚNIOR, Hilário. *A Iconografia de Adão*. Autobiografia do homem medieval. in: Revista de História, n. 136. São Paulo, julho, 1997. (<http://www.revistasusp.sibi.usp.br/pdf/rh/n136/a01n136.pdf>)

²²¹ VARAZZE, Jacopo. São Francisco. In: *Legenda Áurea... Op. Cit.* pp. 836-848.

²²² *Idem.* p. 836.

²²³ DUBY, Georges. *O Tempo das Catedrais... Op. Cit.* p. 142.

sentido inferimos na narrativa de Varazze quando ele afirma que Deus se serviu do “*chicote da enfermidade para corrigi-lo e transformá-lo em outro homem*”²²⁴.

Também em São Francisco percebemos o gosto pelo suplício, o qual tem por objetivo a santificação de sua vida. Percebemos, ainda, que Francisco tem essa intenção, de regrar a vida segundo os preceitos de perfeição cristã. Pois, quando questionado por estar alegre, mesmo em cativeiro responde: “*Saibam que me regozijo porque serei venerado como santo pelo mundo inteiro*”²²⁵. Sabemos também que São Francisco persegue o exemplo da pobreza de Cristo, ajuda os leprosos e renega, não só os bens particulares, mas os comunitários também. Disso resulta, segundo André Vauchez²²⁶, a alcunha de “menores”, além disso, representava a submissão da ordem perante o mundo.

“Certa vez em que foi a Roma por devoção, despojou-se de seus trajes e usando os de um pobre sentou-se no meio dos mendigos, diante da Igreja de São Pedro, e comeu com apetite junto com eles.”²²⁷

Vimos que o século XIII passou por um momento em que as antigas ordens monacais são criticadas pelo grande enriquecimento e a clausura egoísta de seus monges. As ordens mendicantes surgem para se lançar ao século empenhadas na pregação em nome e a mando de Cristo salvador. Varazze ressalta esse descontentamento com a Igreja.

“Entrou na Igreja de São Damiano para rezar e uma imagem de Cristo miraculosamente falou: ‘Francisco, vá reconstruir minha casa que, como vê, está toda destruída’. A partir desse momento sua alma fundiu-se de compaixão pelo crucificado, que ficou maravilhosamente impresso em seu coração. Ele pôs todo empenho em reconstruir a igreja, vendeu o que tinha e quis dar o dinheiro a um padre que o recusou por receio dos pais de Francisco; este então jogou o dinheiro no chão, como poeira desprezível.”²²⁸

Também encontramos em São Francisco o desejo pelo domínio do corpo e pelo seu escárnio. Oferecia seu corpo à tortura e dá predileção aos insultos em detrimento dos elogios. Jacopo deixa transparecer que os instintos do homem, os impulsos da carne são contrários à salvação eterna. Assim, podemos entender que a dor era vista como redenção. Pois, segundo a historiadora Néri de Almeida²²⁹, deve superar os imperativos corporais. Os santos, segundo a

²²⁴ VARAZZE, Jacopo. São Francisco. In: *Legenda Áurea... Op. Cit.* p. 836

²²⁵ *Idem.* p. 836.

²²⁶ VAUCHEZ, André. *A Espiritualidade... Op.Cit.* p. 143.

²²⁷ VARAZZE, Jacopo. São Francisco. In: *Legenda Áurea... Op. Cit.* p. 837.

²²⁸ *Idem. Ibidem.*

²²⁹ SOUZA, Néri de Almeida. Hipóteses sobre a Natureza da Santidade... *Op. Cit.* p. 13.

autora, iam além dos limites da natureza. Assim, vencendo os sentidos, vencem a decomposição.

“Da parte do Deus onipotente, digo a vocês, demônios, que parem com o barulho. Façam com o meu corpo tudo que for permitido a vocês, pois estou disposto a suportar já que, não tendo mais inimigo que meu corpo, vocês me vingarão do meu adversário por mim.”²³⁰

São Francisco é, ainda, aproximado da figura de Cristo, não só por seguir os exemplos de seu Mestre, mas pelos milagres que realiza. Um episódio narrado por Jacopo que nos desvela esse aspecto da vida do santo é quando, estando muito doente, pede um pouco de vinho e, na falta da bebida, levam-lhe água, a qual, com um sinal da cruz, transforma em vinho. Além disso, é elevado à imagem do salvador ainda em vida pelo episódio, também narrado pelo dominicano da Varazze, em que o santo homem teria recebido os estigmas de Cristo.

“Em uma visão, o escravo de Deus viu acima dele um serafim crucificado que lhe imprimiu as marcas de sua crucificação de maneira tão evidente que parecia ter sido ele próprio crucificado. Suas mãos, seus pés e seu flanco foram marcados com as feridas da cruz; mas com cuidado ele escondeu dos olhos de todos esses estigmas. Alguns, no entanto, viram-nos enquanto ele vivia, e após sua morte muitos puderam examiná-los. A existência real desses estigmas foi confirmada por muitos milagres.”²³¹

Percebemos, ainda, a simplicidade de São Francisco, demonstrada, também, em sua relação com os animais, que os chama de irmão²³², que respeita e é por eles respeitado. Além disso, exorta os animais a louvarem a Deus. Ademais, podemos aventar que via em tudo, em tudo que existia, motivos de louvor, sendo que, na narrativa de Varazze, até mesmo o sol, a lua e as estrelas eram convidadas à exortação do amor de Cristo.

“Irmãs aves, parem de cantar até que tenhamos terminado o ofício de laudes devido ao Senhor’. Elas se calaram imediatamente, e quando os laudes terminaram deu-lhes permissão de cantar e no mesmo instante continuaram com seu gorjeio habitual.”²³³

A historiadora Néri de Almeida ressalta a capacidade do corpo do santo em se manter imaculado quando submetidos ao fogo, sendo raros os casos em que o fogo é a causa da morte do santo. Quando ocorre a morte, o corpo continua ileso, sem sinais de máculas. Na narrativa

²³⁰ VARAZZE, Jacopo. São Francisco. In: *Legenda Áurea... Op. Cit.* p. 841.

²³¹ *Idem.* p. 841.

²³² *Idem.* p. 843.

²³³ *Idem.* p. 844.

de São Francisco, Jacopo traz à luz como o fogo foi usado no frade menor e como ele sai ileso ao seu toque, diante de uma cirurgia para reparar o olho moribundo.

“Seus irmãos insistiram para ele remediar o mal com uma operação, e quando o cirurgião tinha na mão um instrumento de ferro incandescente o homem de Deus disse: ‘Meu irmão fogo, seja bondoso e cortês comigo. Rogo ao Senhor que o criou que amenize para mim seu calor’. E assim dizendo fez o sinal-da-cruz sobre o instrumento, que foi enfiado na sua delicada carne, pela orelha até a sobancelha, sem que sentisse dor alguma, como ele próprio relatou”²³⁴

Sendo a morte o objetivo da pregação que, por sua vez, assumia o lugar do martírio sangrento, ao se aproximar de São Francisco é saudada com grande alegria: “*Seja bem-vinda, minha irmã morte*”²³⁵. Também no momento de sua morte, na narrativa, como não podia ser diferente, temos o envolvimento da visualização do sobrenatural quando “*um frade viu sua alma com forma de estrela, semelhante à lua em tamanho e ao sol em esplendor*”²³⁶.

²³⁴ *Idem. Ibidem.*

²³⁵ *Idem. p. 846.*

²³⁶ *Idem. Ibidem.*

CONCLUSÃO

As ordens mendicantes surgem no século XIII como resposta ao movimento de urbanização que acaba por inserir novas demandas do controle religioso sobre a população. Numa época em que a riqueza era, ainda, vista como pecado mortal, faz-se necessários novos rumos à salvação e à redenção dos pecados. A resposta surge com as ordens mendicantes que ascendem na Baixa Idade Média.

A escolha pelo reino de França, para o presente estudo, se deu pelo fato de, no século XIII, este ser o cenário em que mais se ressaltam os movimentos das ordens mendicantes. Além disso, o reinado de São Luís se configura em uma monarquia santificada em que se congregam elementos de um cristianismo mais tradicional, em que se perpetuam os ideais das cruzadas por recuperar a terra santa, e os novos ideais de pregação e de conversão pelo convencimento segundo os dogmas da igreja propagados, principalmente, pelas ordens mendicantes.

É também no século XIII que se expande o culto aos santos. Além disso, a canonização da santidade de um indivíduo se complica quando o papado toma a frente desse processo. Não bastam mais a popularidade, ou rumores de milagres. Para se tornar santo, é preciso passar por um processo de canonização. O reino de França almeja que um rei francês alcance a sagrada alcunha de santo. Desejo que será tentado com Filipe Augusto, mas sem sucesso, e conquistado por seu neto, Luís IX.

Para o estudo de um modelo de santidade mendicante utilizei uma das obras de maior destaque sobre santos da Idade Média, a *Legenda Áurea* do dominicano Jacopo de Varazze. Entretanto, pela abrangência da obra, optei por duas hagiografias que mais representam a mendicância, São Domingos e São Francisco de Assis, os criadores das duas mais importantes ordens mendicantes, respectivamente ordem dominicana e ordem franciscana. Assim, segundo a leitura das formas de exemplo contidas nessas duas narrativas, podemos vislumbrar os exemplos tomados por São Luís no seu percurso por uma monarquia santificada.

As ordens mendicantes perseguem um ideal baseado no cristianismo primitivo, fundamentado no percurso de Cristo enquanto homem. Buscam pela comunhão com Deus através da pobreza do Salvador segundo um catolicismo apostólico em que a pregação se faz entre o século e em linguagem popular. São Luís segue esses preceitos ao querer o contato com seus súditos e ao falar em francês, características que, segundo Jacques Le Goff, podemos inferir de Jean de Joinville, que faz parte do círculo íntimo de São Luís e é, também, um dos principais biógrafos do santo rei.

São Luís, podemos perceber por sua trajetória, é inspirado a seguir sua religião, principalmente pela influência de sua mãe, Branca de Castela. O soberano francês se empenha em constituir um governo iminentemente cristão em que seu maior objetivo, instituído pela sagração, é a salvação de seus súditos. Assim, o rei faz o possível para a glorificação divina desde dar esmolas, pela restituição moral do reino, financiamentos de obras eclesiásticas, das quais se destacam o mosteiro de Royaumont e a capela real, Sainte-Chapelle cuja finalidade era guardar as relíquias da Paixão.

Tanto São Luís como a *Legenda Áurea* apresentam práticas devocionais tanto tradicionais como inovadoras, sendo, então, um ponto de intersecção da transformação por qual passa a Baixa Idade Média. Nesse sentido, São Luís representa a tradição no que concerne o empreendimento da cruzada pela conquista da Terra Santa, enquanto a Europa evoca a conversão interna como forma de recuperar a identidade cristã, bem como tem grande apreço pela ordem de Císter, que representa a continuidade dos conventos monacais de reclusão do século; em contrapartida, São Luís é grande adepto da nova forma de espiritualidade emergente que se encerra no centro urbano, a mendicância, até mesmo mantém conselheiros, capelães e confessores que são integrantes das ordens mendicantes. No que concerne à *Legenda Áurea* ela continua a tradição na medida em que invoca uma santidade pautada no monasticismo, bem como congrega o martírio sangrento como auge da santidade. Além disso, é escrita originalmente em latim e seu público alvo eram os homens religiosos. Seu ponto de inovação está no fato de ser memória escrita, o que na Idade Média não é comum, além disso, se apresenta em formato de breves narrativas dos grandes feitos dos santos com vistas a integrar um discurso específico, é instrumento de pregação.

No que concerne à personagem de São Luís, Le Goff aventa a possibilidade de ser uma imagem criada pelo propósito de sua canonização. Isso se deve ao fato de a documentação sobre o santo rei, se não em sua totalidade, em sua grande maioria, ser produzida para atestar sua santidade, escondendo, assim, traços que possam identificar uma personalidade do rei, resultando na necessidade de se encontrar nas entrelinhas suas características. Assim sendo, pode-se aludir a um ideal seguido por São Luís, pois sua documentação, como percebido pela análise de Le Goff, tendo sido escrita também por mendicantes, consoa com os ideais desses frades, além de ser o santo rei grande admirador e seguidor, sem querer se fazer frade, dessas ordens.

Nas análises das hagiografias percebemos o gosto pelos estudos, ainda que São Francisco não seja adepto das ciências, aceita quem queira se fiar por esse caminho, desde que não interfira em seus afazeres dentro da ordem. Faziam-se entender pela pregação em

língua vulgar. Almejavam pela graça de interceder pela salvação de outros. Ambos os frades praticavam a pregação no século, entre os pecadores, São Domingos pelo estudo da escritura e São Francisco de Assis pela intuição e, mesmo assim, estudou a Bíblia em latim. Viam a pregação como forma de martírio, pois preferiam quando eram injuriados, estabelecendo, assim, o domínio das tentações da carne. Além disso, salienta-se o exemplo de Cristo: São Domingos ao querer uma pregação livre de ornamentos, de riquezas e de mulheres como fazia Jesus com seus apóstolos; São Francisco além da pobreza é colocado lado a lado com Cristo por receber as chagas do Salvador.

São Luís segue os mesmos preceitos dos irmãos mendicantes. Não é intelectual, nem gosta dos escritos dos estudiosos, mas lê a escritura, tem verdadeira paixão pelos sermões e gosta de questionar os homens de Igreja sempre que tem chance. Faz-se acessível a seus súditos e se expressa em francês. Prezava pelo domínio do seu corpo através do comportamento humilde à mesa e no âmbito das relações conjugais. São Luís também é comparado a Cristo, por Joinville que defende que como Jesus, o santo rei morreu pela cruz na mesma hora em que o salvador.

Assim, podemos perceber que São Luís foi, desde criança, educado para ser o rei ideal para a cristandade. Luís IX assume a responsabilidade pela salvação de seus súditos. Mais que isso, congrega os dogmas cristãos para alcançar a paz de seu reino. É segundo os valores de uma espiritualidade mendicante, seguindo um catolicismo apostólico que São Luís se consagra como santo, mais que isso, se consagra como o tão desejado santo rei francês.

BIBLIOGRAFIA

FONTE

VARAZZE, Jacopo. *Legenda Áurea*. Vidas de Santos. FRANCO JUNIOR, Hilário (trad.). Companhia das Letras: São Paulo, 2003.

REFERÊNCIAS

ABRAHÃO, Marcos. *O Ratio Studiorum Dominicano (1259)*. Como a filosofia preservou a unidade no seio da ordem dos Frades Pregadores. In: http://www.encontro2010.rj.anpuh.org/resources/anais/8/1276686826_ARQUIVO_Comunicacao_ANPUH_MarcosAbraham.pdf.

ALESSIO, Franco. Escolástica. In: LE GOFF, Jacques e SCHMITT, Jean-Claude. *Dicionário Temático do Ocidente Medieval*. vol. I. SP: EDUSC, 2006. Pp. 367-381.

BEAULIEU, Marie-Anne Polo de. Pregação. In: LE GOFF, Jacques e SCHMITT, Jean-Claude. *Dicionário Temático do Ocidente Medieval*. vol. II. São Paulo: EDUSC, 2006.

DUBY, Georges. *História Artística da Europa*. Lisboa: Verbo, 1998, 1º volume.

DUBY, Georges. O Século XIII. in: *A Idade Média na França: (987-1460): de Hugo Capeto a Joana d'Arc*. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1992. Pp. 242-255.

DUBY, Georges. *O Tempo das Catedrais*. A Arte e a Sociedade 980 – 1420. SARAMAGO, José (trad.). Lisboa: Editorial Estampa. 1993

FORTES, Carolina Coelho. Os mártires na *Legenda Áurea*: a reinvenção de um tema antigo em um texto medieval. in: LESSA, Fábio e BUSMANTE, Regina (orgs.). *Memória e Festa*. Rio de Janeiro: Mauad, 2005. (<http://www.pem.ifcs.ufrj.br/Martires.pdf>).

FORTES, Carolina Coelho. Pressupostos Teóricos para o Estudo da Hagiografia. In: *Atas da IV Semana de Estudos Medievais*. <http://www.pem.ifcs.ufrj.br/AtasIVSem.pdf>. pp. 173-179.

FRANCO JÚNIOR, Hilário. *A iconografia de Adão*. Autobiografia do homem medieval. in: Revista de História, nº 136. FFLCH-USP. 1997.

(<http://www.revistasusp.sibi.usp.br/pdf/rh/n136/a01n136.pdf>).

FRANCO JUNIOR, Hilário. *A Eva barbada: ensaios de mitologia medieval*. São Paulo: EDUSP, 1996.

GAJANO, Sofia Boesch. Santidade. In: LE GOFF, Jacques e SHMITT, Jean-Claude. *Dicionário Temático do Ocidente Medieval*. Vol. II. Edusc: SP. 2006. Pp. 449-462.

GOZZOLI, Maria Cristina. *Como Reconhecer a Arte Gótica*. Lisboa: Edições 70, 1986

LE GOFF, Jacques. “Cidade” In: LE GOFF, Jacques & SCHMITT, Jean-Claude. *Dicionário Temático do Ocidente Medieval*. Vol. 1. Bauru: EDUSC, 2006. P. 219.

LE GOFF, Jacques. *O Apogeu da Cidade Medieval*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

LE GOFF, Jacques. *São Luís*. Biografia. CASTRO, Marcos de (trad.). São Paulo: Editora Record. 2002.

LE GOFF, Jacques. *Uma Longa Idade Média*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2008.

LITTLE, Lester K. Monges e Religiosos. In: LE GOFF, Jacques e SCHMITT, Jean-Claude. *Dicionário Temático do Ocidente Medieval*. vol. II. São Paulo: EDUSC, 2006. Pp. 225-241.

ROCHA, Teresa Renata Silva. *Os Diabos Cômicos*. As Criaturas do Mal na *Legenda Áurea* (século XIII). in: <http://seer.ufrgs.br/index.php/aedos/article/view/9862/5718>

SILVA, Andréia Cristina Lopes Frazão da. *Hagiografia*. In: <http://www.ifcs.ufrj.br/~frazao/hagiografia.htm>. (acessado em 02/11/2010)

SILVA, Andréia Cristina Lopes Frazão da. *Hagiografia e História*. Reflexões sobre a Igreja e o fenômeno da santidade na Idade Média Central. Rio de Janeiro: HP Comunicação Editora, 2008.

SOUZA, Néri de Almeida. Hipóteses sobre a natureza da santidade: o santo, o herói e a morte. In: *Signum*. Revista da ABREM – associação brasileira de estudos medievais. Número 4, 2002. Pp. 11-47.

SOUZA, Néri de Almeida. *Palavra de púlpito e erudição no século XIII*. A Legenda Aurea de Jacopo de Varazze. In: Revista Brasileira de História. Vol. 23, nº 43. São Paulo, 2002. (http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-01882002000100005 – acessado em 01/11/2010).

SOUZA, Néri de Almeida. *Peregrinação, conquista e povoamento*. Mito e “realismo desencantado” numa hagiografia medieval portuguesa. In: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-01882001000100010

SOUZA, Néri de Almeida. *O alvo da História da Igreja e a História da Igreja como Alvo: o exemplo da Idade Média Central (séculos XI-XIII)*. in: http://www.pucsp.br/rever/rv2_2004/t_almeida.htm (acessado em 15/04/2011).

TOMAZ, Rodrigo Ballesteiro Pereira. *Herói e Santidade: dois conceitos de análise para a pesquisa*. In: http://www.encontro2010.rj.anpuh.org/resources/anais/8/1276604974_ARQUIVO_HEROIESANTIDADE-DOISCONCEITOSDEANALISEPARAAPESQUISA.pdf

VAUCHEZ, André. O Santo. In: LE GOFF, Jacques e FRANCO CARDINI, Florentino (orgs). *O Homem Medieval*. Lisboa: Presença, 1989

VAUCHEZ, André. *A Espiritualidade da Idade Média Ocidental*. Séc. VIII-XIII. Lisboa: Editorial Estampa, 1995.